



Jurandir Filho  
Empresário

# Nas brincadeiras de favela, o menino-moleque cresce rei sem medo de ganhar o mundo

Alguém grita o nome dele lá atrás e Francisco Jurandir Paiva Pimentel Filho, ou simplesmente Jurandir Filho, corre para estrelar no palco da vida. É ator e artesão das próprias caminhadas. Não teme os holofotes, pois protagonizar sempre foi um sonho. Menino e moleque *nerd*, mais viveu na favela que no conforto de classe média. No dia a dia de ser Jurandir, mantém o olhar sério, os braços cruzados até abraçar-se ao mundo, transforma o cinema em escola, empreende, e todo mundo sabe que se torna rei para agradar ao público.

Na plateia, avista o pai de longe. Sempre ali, o patriarca é como uma miragem. Vez ou outra é espelho, fluído em nuances que Jurandir necessita tocar. Vez ou outra, o pai é lembrança de infância, dos tempos em que saíam para pescar, assistir futebol, explorar um universo de possibilidades além do palco. Mas Jurandir escolheu o palco. Um homem tem de saber o espaço-mundo que lhe preenche.

No palco, Jurandir escancara as mil faces de ser. Entre as paixões por cinema, que floresceram em meio a episódios desafortunados, no silêncio de quarto, no isolamento de perda, ele celebra as miudezas de ser nordestino, a preocupação com a educação: sabe de muito porque, de saber pouco, decidiu estudar.

O menino que cresceu risonho, um pé no chão, outro pé de Rei Leão, voa. Alça voos com asas de aviador, o homem que se recusa a envelhecer. Nessa metamorfose que é atuar, Jurandir se revela ser humano e animal de sensibilidade extrema, com braços cruzados para a vida, como se não aceitasse que a realidade às vezes está longe das telas, das tardes e madrugadas passadas em trabalho.

Mesmo sem pretensões, ele não enfrenta o palco sozinho. O cinema, com ou sem rapadura, é família, amigo e, acima de tudo, trabalho. Cuidado, menino, que de tanto gos-

tar, às vezes a gente deixa de gostar. Mas Jurandir não é desses que se desencantam, é sim desses que transbordam em empatia, esforço e dedicação.

De vez em quando, Simba vem fazer companhia a ele nos bastidores. Compartilham histórias, lembranças em comum de perdas antigas, traumas cujas cicatrizes nem o tempo nem a alma foram capazes de curar. Quando não pode recorrer a Simba, Jurandir refugia-se no espaço de palco, onde fala a uma plateia de Sudeste, Norte, Sul, Nordeste.

Se esbarrar com o preconceito, vai ter sotaque, sim, vai ter nordestino ganhando o mundo. Saindo dos estereótipos, Jurandir quer ver uma sétima arte de qualidade no Brasil, longe dos lugares-comuns, e muito além das comédias de riso frouxo. Na diversidade, ele encontra atalhos a serem trilhados, porque, afinal, do que vale o branco sem o preto e o preto só com o branco? Faltam as cores de uma consciência social de cinema. Não cansa de reafirmar isso.

Para ele, a importância social do cinema é a alma. Se um filme é capaz de transformar, ele será como um bálsamo, curativo para feridas expostas. Que importam os números ou a lógica fundamentada quando tudo depende apenas do que o coração sente?

Alguns diriam que pode ser loucura confiar em um filme para encontrar-se, mas ninguém disse que ser louco é proibido. Ninguém soube dizer também onde fica o manicômio mais próximo. Os loucos estão à solta. Cada um com a própria válvula de escape, fugindo das convenções e do brilhantismo passageiro.

Sempre avante, Jurandir segue na arte de atuar, embora ainda se veja nas telonas com certo estranhamento, de homem por si mesmo que ainda não se acostumou com o estrelato. Carrega nas costas a consideração e o carinho de muitos, no peito leva as lições da escola que o ajudaram a encontrar o seu *Hakuna Matata*.

**Equipe de Produção:**  
Átala Souza  
Rosiane Melo

**Entrevistadores:**  
Átala Souza  
Brenda Albuquerque  
Daniel Rezende  
Erick Bruno  
Frida Popp  
João Gabriel  
Lauriberto Pompeu  
Mylena Gadelha  
Rosiane Melo  
Tais Barros

**Texto de abertura:**  
Rosiane Melo

**Fotografia:**  
Nah Jereissati



**Entrevista com Jurandir Filho, dia 07 de janeiro de 2016.**

**Átala** – Jurandir, durante a produção desta entrevista, você nos contou que tem uma admiração e um apego muito grande ao seu pai, não só (com) ele, mas com toda a família. Ao que você atribui esse apego?

**Jurandir** – O meu pai (*Francisco Jurandir Paiva Pimentel*)... Engraçado porque eu era mais apegado ao meu pai na infância mesmo. Eu acho que todo moleque tem esse apego mais com o pai quando ele é pequeno e, depois, ele vai desenvolvendo mais essa relação com os outros membros da família, (com) os irmãos ou até (com) a mãe (*Elionora das Chagas Paiva*). Hoje, eu tenho muito mais relação com minha mãe do que com meu pai. Mas, na minha infância, é mais porque eu tenho três irmãos, dois irmãos e uma irmã, e eu sou o caçula da família, e eu sempre via o meu pai muito distante. Ele tinha um cargo muito importante na Rede Ferroviária (*Federal*) e viajava o Brasil todo e ficava muito distante. Então meus irmãos tiveram o meu pai presente, eu não tive o meu pai presente. Quando ele estava presente, eu ficava muito feliz, entendeu? E, nesse período que eu morei em Recife, sete anos, eu fiquei muito presente com o meu pai, principalmente nos finais de semana, (quando) ele me levava para assistir futebol. Comecei a gostar de futebol por causa dele, (ele) me levava pra fazer as pescarias que ele sempre gostou e eu ia com ele. Então, mesmo que eu não gostasse do (lugar) que ele estava me levando, eu gostava de estar com meu pai. A minha relação era mais de espelho mesmo, eu queria ser o que meu pai era naquela época. Isso criou toda a afinidade que eu tinha e tenho com ele.

**Rosiane** – O seu pai, como você contou na pré-entrevista, teve problema com alcoolismo e um de seus irmãos também, (que) inclusive também teve problemas com drogas ilegais. De que forma esses vícios ou traumas, por assim dizer, impactaram o convívio familiar?

**Jurandir** – Impacta demais! Acho que todo mundo tem na família algum dependente alcoólico. Na minha família a gente sempre foi muito de fazer festas, e a nossa casa era o centro dessas reuniões e o álcool sempre atrapalhou muito isso. Quando você bebe, as pessoas se alteram, alguns ficam engraçados, divertidos, alguns ficam agressivos – não são agressivos quando estão ok mas, quando bebem, ficam. E acontecia muito isso nessas reuniões. Princi-

palmente (com) o meu irmão e meu pai. Meu pai ficava muito na dele. Mas, se alguém cutucava alguma coisa, ele era agressivo também, verbalmente, não fisicamente. E isso sempre foi uma coisa muito ruim com a nossa família porque... Meu pai não fica ali aturando o local (em) que ele está. O meu irmão não, ele fazia com que o ambiente ficasse pior ainda. O que era bizarro porque eu, como conhecia o meu irmão, ele bom e ele sob um efeito de entorpecente, eram praticamente duas pessoas diferentes, entendeu? Para mim era assim: (eu) amava meu irmão, mas, quando ele estava naquele estado, pra mim era extremamente negativo isso. E realmente teve um período na nossa família que (o alcoolismo) atrapalhou muito, até que meu irmão entrou numa série de tratamentos. E ele está há 15 anos sem usar nada. O fato da droga (na vida) do meu irmão é que ele era alcoólatra e ele usava droga para continuar acordado. (Ele) cheirava a cocaína pra ficar mais ligado e continuar bebendo. O alcoolismo é uma parada (com a qual) as pessoas não se atentam, porque é um vício que passa despercebido pela sociedade. As pessoas bebem e tem gente que passa o final de semana inteiro bebendo e acha normal. Acontecem tantos acidentes, não é por nada que tem essas propagandas principalmente no período de Carnaval, fim de ano (refere-se a propagandas com mensagens "se for dirigir, não beba"). São coisas que são fortes, mas porque mostram que a bebida muda o ser humano. E eu não sou contra a bebida, sabe? Eu gosto de tomar vinho, de tomar uma cerveja, mas eu não tenho isso de (dizer): "Ah, vou beber aqui uma caixa de cerveja agora porque tô com vontade". O que eu gosto é algo muito mais natural.

Engraçado porque todo mundo fala: "Ah, se você teve tanto contato com bebida e drogas, por que você nunca usou?" Eu não sei explicar, não sei explicar. Porque realmente eu tive muito contato com amigos, com meu irmão, principalmente. É assim, (quando o) irmão é mais velho do que você, ele vira um espelho também. Ele me levava para um bar para jogar... Ele estava bebendo e eu (ficava) jogando sinuca. Pra mim era uma diversão. Eu não entendia isso quando era criança. Ele estar bebendo cerveja é como ele estar bebendo um refrigerante pra mim, eu não entendia. Resumindo, essa parada da bebida e da droga

Erick foi quem indicou Jurandir para ser um dos entrevistados da revista. Ele acompanha há anos o trabalho do empresário no RapaduraCast e no Cinema com Rapadura.

Antes da escolha das equipes de produção, o professor Ronaldo costumava usar Átala e Rosiane como exemplo de equipe para explicar algum conceito. Curiosamente, no momento de separação das duplas, Átala e Rosiane ficaram juntas.

Em uma pesquisa inicial sobre o entrevistado, as meninas não tiveram grandes dificuldades para encontrar dados sobre a carreira profissional de Jurandir. Daí surgiu a curiosidade de conhecer melhor a história de vida dele.

foi um período muito ruim pra nossa família e, por outro lado, foi um período bom porque a gente conseguiu se resolver. A gente quebrou a nossa família, depois a gente foi montando os pedaços com cola e hoje a família está fantástica! Quando eu falo que eu não sei porque eu nunca usei (*drogas*), eu acho que eu sei, sim, por que eu nunca usei. Porque eu vi o reflexo disso, como as pessoas se comportavam, entendeu? Eu falava: "Não, eu não quero que seja desse jeito comigo". "Ah, eu vou ter de ficar desse jeito? Brigando com os outros, atrapalhando as festas das pessoas, as reuniões?" Acho que é por isso que eu nunca utilizei nada nem tive interesse. Mas, sim, a bebida, especificamente, atrapalhou muito a nossa família. E acho que atrapalha muito as famílias e as pessoas não sabem.

**Átala** – Você também nos contou, durante a pré-entrevista, que convivia muito com o pessoal da (*favela*) Gonçalves Dias e lá o pessoal usava droga e também bebia muito. Você, em algum momento, teve curiosidade ou sentiu alguma pressão para usar esse tipo de coisa?

**Jurandir** – Curiosidade, não. Pressão, eu sofri. Você está com seus amigos e, se você não bebe, por exemplo, é um careta. Mas eu nunca tive essa curiosidade de utilizar. A pressão sobe, mas você fala: "Não, macho. Eu fico aqui, vocês ficam aí usando e eu fico aqui de boa". E para mim era isso, eu preferia estar na companhia deles (*dos amigos*) do que não estar. E mais velho, eu percebi que só fiquei por um triz de também estar usando (*drogas*) como eles. E eu não consigo explicar por que eu aguentei, como é que eu aguentei, de não utilizar esse tipo de substância, sabe? Eu sempre levava de boa, ajudava todo mundo e, quando o cara ficava muito mal, eu levava pra casa, alguma coisa do tipo. Mas é um período tão chatinho, porque depois de velho você consegue entender (*e pensa*): "Putz, anos depois o que foi que isso levou?" Muitos dos meus amigos morreram, alguns foram presos...

**Lauriberto** – Jurandir, de que maneira essa convivência com amigos de outra classe social mudou sua vida?

**Jurandir** – Boa pergunta! Eu nasci em Fortaleza e com poucos dias eu fui pra Recife. E com sete anos a gente voltou pra Fortaleza, pra morar de vez aqui. Nesse período, a gente morava na Parquelândia e a minha casa era exatamente na última rua da Parquelândia que finalizava o bairro, e atrás era (*onde se localiza*) essa favela. A minha infância toda foi dentro da favela. Pra mim, os meus amigos eram as pessoas da favela, entendeu? E (*digo*) sem usar isso de forma pejorativa, porque as pessoas (*perguntam*): "Ah, tua vida foi na favela?"

"Foi e não tem nada demais nisso." Sabe, pra mim eles (os amigos da favela) eram amigos como os amigos do colégio que eu estudava, ou pessoas da família. Foi um choque muito grande (*perceber*) a diferença de possibilidades que você tem, que eu tinha, na minha vida mesmo. A nossa casa era grande: tinha piscina, tinham quatro quartos. Quatro quartos, por quê? Porque a família era grande e meu pai teve condições de comprar tudo isso. Tinha dois carros em casa, tinha um campinho de futebol em casa. E se a gente colocasse em dois espelhos: eu tinha muita coisa e os meus amigos não tinham nada. E, pra mim, era mais confortável estar com meus amigos do que num mundo lá colorido e (*com*) gente boa da minha família. Pra mim foi uma experiência fantástica!

Os meus amigos andavam de calção na rua, e eu, moleque, queria andar de calção também na rua com meus amigos, sem chinela. Passava o dia brincando. Fazia determinadas coisas, tipo: eles tinham de trabalhar no supermercado, para empacotar, e poder comprar comida para a casa deles. Eu trabalhava junto com eles. Eu não precisava do dinheiro, na minha casa estava tudo bem, por causa do esforço do meu pai. Mas os meus amigos tinham de fazer alguns tipos de trabalhos pra sobreviver e eu fazia junto com eles. Eu ia empacotar no supermercado, ia pastorear carro no estacionamento de igreja, ia vender jornal com eles. Eu não precisava disso, mas a companhia deles era sempre fantástica pra mim! Conviver com isso e com as outras realidades me mostrou que, se você tirar tudo isso, foca na amizade, não importa a classe social. Não importa mesmo. Se você é amigo, é amigo, independentemente se você tem muito dinheiro ou pouco dinheiro. O que eu trouxe mesmo dessa infância foi isto: enxergar que você pode ser amigo de alguém de qualquer classe social, raça, religião. Pouco importa!

**Erick** – Jurandir...

**João Gabriel** – Eu queria fazer uma pergunta...

(*Todos falam ao mesmo tempo que querem fazer perguntas*)

**Átala** – Gente, calma, um de cada vez!

**Erick** – É porque a minha pergunta é sobre esse ponto aí...

**Erick** – Você tá falando de um período em que você era muito jovem...

**Jurandir** (*interrompendo*) – Sim.

**Erick** – Por volta de 12 anos, você era adolescente. Você conseguia na época ter a consciência da rebeldia do seu próprio comportamento...

**Jurandir** (*interrompendo*) – Não.

**João Gabriel** (*interrompendo*) – A minha pergunta tinha a ver com isso, porque, olhan-

No dia da pré-entrevista, Rosiane e Átala pediram algumas informações extras para Erick sobre o Jurandir. Já estava quase na hora de sair para encontrá-lo e a dupla não tinha muito tempo para pesquisar.



O local onde foi feita a pré-entrevista foi marcado pelo Jurandir, um café na Avenida Barão de Studart. Até então, a produção nunca tinha visto o entrevistado pessoalmente.

“(...) todo mundo fala assim: ‘Ah, se você teve tanto contato com bebida e drogas, por que você nunca usou?’ Eu não sei explicar, não sei explicar.”

do agora, parece (*que esse comportamento*) é uma decisão de um caráter ideológico, político, bem grande. Tem um certo peso de você se colocar nessa realidade tão distinta. Mas esse Jurandir, de dez, 12 anos atrás, ele fez (*isso*) por rebeldia, ou por empatia, ou um pouco de cada coisa?

**Jurandir** – Eu não sei explicar o motivo, o motivo real. Eu (*agora*) mais velho, consigo até tentar imaginar por que eu tomei essas decisões... Que nem é decisão, cara! Você tá lá com seus amigos, você tá em casa, tem dez anos de idade, os meninos na rua estão soltando arraia, brincando de pião. Eu não consigo enxergar além de meninos brincando de arraia e soltando pião, entendeu? Eu não consigo imaginar se ele é rico, pobre, se é branco, se é negro, que seja. Eu não consigo imaginar isso. Não sei explicar, pode ser empatia, pode ser porque eu me sentia confortável com eles, porque eles não me discriminavam. Quando você tem a mesma classe social (*que seus amigos*), as pessoas parecem que discriminam. Se você tem um celular (*e*) o outro não tem o celular, se o cara tem uma calça massa, o outro quer comprar pra ficar

também com a calça massa. E a molecada não tinha isso, essa visão, pouco importava se eu tinha uma piscina em casa, tinha um campo de futebol em casa. Entre eles, eu era o Jurandir, o “Didi”, que tava brincando com eles, só isso. Obviamente que na cabeça deles tinha (*esse pensamento*): “Porra, mas quando é que a gente vai tomar banho de piscina lá na tua casa? Quando é que teus pais vão viajar pra gente tomar um banhozinho de piscina e tudo?” Era isso. São amigos brincando, crianças brincando, porque eles queriam brincar. (*Eu*) não tinha esse sentimento ideológico ou político quando criança. Talvez hoje eu consiga pensar dessa forma (*com*) um pensamento mais abrangente. Mas, quando eu era criança, era pensamento de criança mesmo, queria ter amigos e eles eram os meus amigos.

**Rosiane** – Jurandir, como é que seus pais viam essa relação, esse apego seu à favela, aos seus amigos de lá?

**Jurandir** – Tranquilo! Tranquilo porque... Uma coisa boa de conviver tanto na favela e tudo mais, é que sua casa era protegida. Tem muita diversidade social dentro da favela, a maioria são pessoas de bem e têm pessoas

A pré-entrevista durou uma hora e 18 minutos. Em determinado momento da conversa, Jurandir chegou a agradecer por poder passar esse tempo fora de casa, onde trabalha, já que estava muito atarefado no dia.

Jurandir contou na pré-entrevista que é o filho caçula e tem três irmãos: Sandro Paiva Pimentel, Servulo Sidney Gladius Paiva Pimentel e Cynthia Paiva Pimentel.



mal intencionadas, como têm (*peças mal intencionadas*) também fora da favela, como têm em todo lugar. E eles (*os pais*) viam (*essa relação*) como algo positivo porque eu estava feliz, estava me divertindo com meus amigos, eu ocupava meu tempo, eu aprendia muito com eles. Minha mãe nunca questionou por que eu acordava cinco horas da manhã no domingo pra vender jornal. Ela nunca questionou, sempre pensou: "Não, ele tá com os amigos dele. Pra mim é o suficiente ele estar com os amigos dele". Talvez por causa da criação da minha mãe, por causa da criação do meu pai. Meu pai veio do interior, de Capistrano de Abreu (*município cearense a 110,5 quilômetros de Fortaleza*). Minha mãe (*também*) veio do interior, de Cajazeiras, na Paraíba. A criação deles também foi bastante humilde, pra eles foi até natural ver o filho deles tendo essa relação. Acho que eles viram de forma positiva o fato de eu ter amigos independentemente da classe social. Obviamente que se preocupavam de (*eu*) ficar a noite na rua, (*eles diziam*): "Ah, cuidado com esse negócio aí de... Menino de dez, 12 anos experimentando droga. Tem cuidado com isso". Sempre tive muita instrução em casa e funcionou comigo e não funcionou com meu irmão, por exemplo.

A pior coisa que tem é você ser criança e não ter amigo, sabe? Quando você é criança e tem amigos é a melhor coisa que tem porque você aprende, você trabalha a convivência, trabalha o lado social, você enxerga outras

realidades que são diferentes da sua. Quando ele (*um dos amigos da Gonçalves Dias*) falava: "Ah, hoje vou dormir no chão porque a minha cama quebrou", eu ia pra minha casa e dormia na minha cama bonitinha com lençol, com ventilador, e você tenta fazer o exercício de empatia. Colocar-se um pouco no lugar das pessoas que não têm a possibilidade de ter uma vida boa. Mas quando eu era criança isso pouco importava, eu queria estar com meus amigos. Ele (*um dos amigos da Gonçalves Dias*) dizia: "Ah, Jurandir, eu tô com fome", eu (*respondia*): "Vamos lá pra casa comer". Pra mim era normal porque não tem nada demais nisso pra uma criança, entendeu? Não tem pensamento político, ideológico, ou coisa do tipo, é só: você se sente confortável com seus amigos, só isso, eles foram lá pra sua casa comer. A minha mãe ficava puta porque chegava lá (*e perguntava*): "Cadê as *cream crackers*? Acabaram os pacotes de *cream crackers*!" E pra mim era um carãozinho, mas meus amigos estavam felizes lá comigo.

(*Silêncio*)

**Ronaldo** – Neste instante *tava* uma briga danada pra perguntar!

(*Todos riem concordando*)

**Rosiane** – Jurandir, você morou na Parquelândia, mais ou menos 12 anos, né...

**Jurandir** (*interrompendo*) – Isso.

**Rosiane** (*continua*) – Entre os 12 e 22 anos. Depois que você foi embora do bairro, você continuou tendo vínculo de amizade lá?

**Jurandir** – Não.

**Rosiane** – Por quê?

**Jurandir** – Na verdade, eu tenho um amigo, só. Que ele foi além da minha infância, não sei explicar muito bem. A distância é um negócio muito ruim e impossibilita muitas coisas. Eu tive um grande trauma de infância e tive de aprender a superar isso. Eu tenho 33 anos e acho que ainda não superei. Então, a partir desse trauma, eu sempre tive muitos problemas de relacionamento, de amizade, e eu cresci desse jeito. Essa é a única pessoa que continuou mantendo contato comigo.

Eu sou da época que não tinha Internet, né (*ri*)? Hoje com a Internet, é muito mais fácil você conversar e falar com pessoas que eram da sua infância. Mas é engraçado porque (*eu pensava*): "Ah, eu tirei carteira de motorista" e podia frequentar sempre o local, a Parquelândia. E eu não ia, não sei por quê. Não sei se porque eu tenho muita lembrança boa e tenho muita lembrança ruim também (*de lá*) e acabei me afastando. Muitos dos meus amigos de infância morreram por consequência de acidente ou de droga, prisão. Mas toda vez, por exemplo, que eu vou... Eu corto meu cabelo no mesmo lugar há 25 anos, lá na Parquelândia. Quando eu saio de lá, eu passo em frente

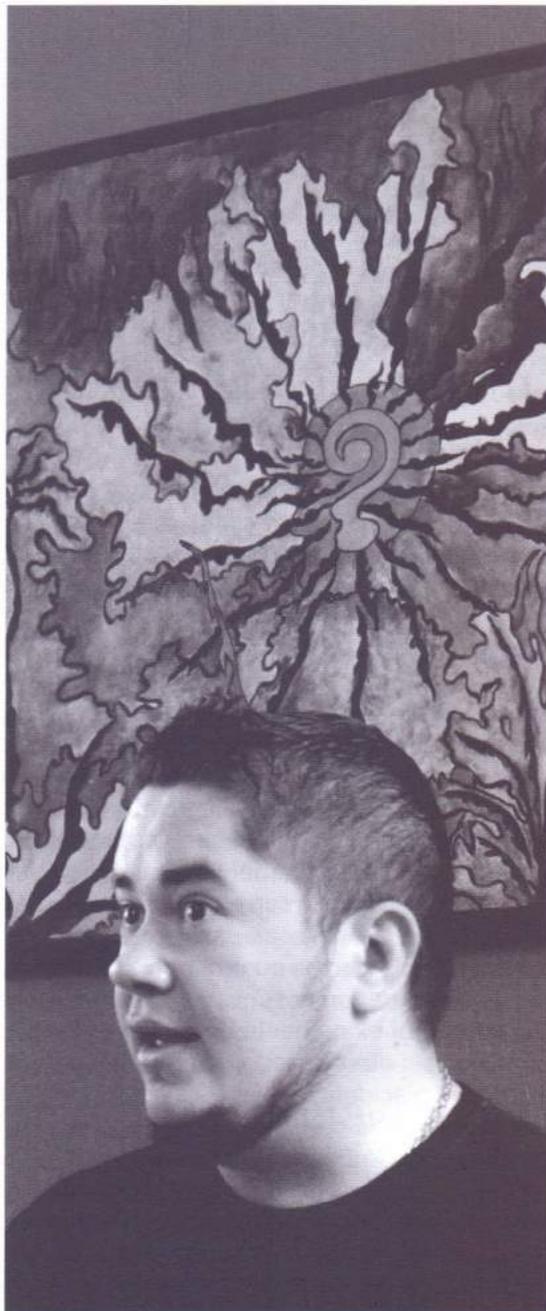
Jurandir perguntou à produção por que ele tinha sido escolhido para participar da *Revista Entrevista*. Rosiane e Átala falaram que na turma havia um fã do trabalho dele que o indicou para ser um dos convidados.

a minha casa. Eu não precisaria passar, mas eu passo porque eu me sinto bem, sabe? Eu consigo passar pela rua e visualizar a minha infância, eu me sinto confortável. Eu falo que minha infância foi fantástica e foi na Gonçalves Dias, eu tinha seis, sete amigos, eu não tinha 300 amigos. Eu tinha seis, sete amigos e alguns morreram, alguns foram embora, então meu vínculo se perdeu, né? Eu fico até feliz de ter esse contato com meu amigo "Li", o Eliêser, ele me encontrou. A gente jogava videogame juntos. O tio dele tinha uma locadora de videogame, eu vivia com ele. E a gente conversava sobre cinema também, sessão da tarde. Anos depois, ele descobriu que eu tenho um site de cinema, que eu faço um programa que é muito escutado, e ele falou: "Caraca, tu ficou famoso, bixo" "Nada, macho, que besteira" (r).

**Daniel** – Você falou do trauma que teve quando jovem (*Jurandir perdeu quatro amigos de infância em um acidente de carro em 1994, quando ele ainda morava na Parquelândia*). Eu queria entender como é que foi esse período de isolamento após a tragédia. Você acha que perdeu alguma experiência importante da juventude por causa da perda dos amigos?

**Jurandir** – Perdi. Perdi muita coisa! Eu não sei como seria a minha vida se meus amigos ainda estivessem vivos, entendeu? (*fala em tom mais baixo*) Não sei, porque eles eram basicamente o meu perfil: nunca gostaram de drogas, até experimentaram, mas nunca tiveram interesse de usar droga ou alguma coisa do tipo. A gente se dava muito bem por causa disso. E, quando teve o acidente de carro que matou os meus quatro amigos, é arrancado de mim toda essa parte de amizade que eu tinha forte com meus amigos. Era um domingo de manhã, era um domingo de manhã mesmo, assim, quatro, cinco horas da manhã. E, como todo domingo, a gente se juntava em frente a minha casa. Quando dava cinco horas da manhã, *tava* todo mundo (*lá*) e a gente tirava

zerinho ou um (*uma brincadeira com as mãos para ver quem acertava como cada amigo vinha, se com um dedo ou se com nenhum que era o zero*) pra ver quem ia pegar os jornais, porque (*a gente*) pegava 50 jornais, dava dez pra cada um e a gente ia vendendo no bairro. (*Só*) uma pessoa que pegava esses jornais, e trazia num carrinho de mão, às vezes, ou trazia nas costas mesmo um bolão assim (*demonstra com as mãos o tamanho*) de jornal. Uma pessoa pegava (*os jornais*), (*a banca de jornais*) era tipo uns cinco quarteirões mais na frente (*da minha casa*), e trazia (*os jornais*) de volta, e a gente fazia a distribuição. E, quando eu perdi o zerinho ou um, fui o primeiro a sair, já fui pegar (*os jornais*). Foram uns 20 minutos de diferença, de eu sair e voltar, e eles (*os quatro amigos*) ficaram sentados lá na calçada como a gente sempre fazia. E, quando eu vou



---

“O que eu trouxe mesmo dessa infância foi isto: enxergar que você pode ser amigo de alguém de qualquer classe social, raça, religião. Pouco importa.”

---

O entrevistado deixou por conta da produção a escolha do local da entrevista. Ele disse que poderia ser em qualquer lugar, desde que não fosse na casa dele, pois lá tem muito barulho e não seria bom para a entrevista.

Rosiane e Átala ficaram pensando qual seria o melhor lugar para a entrevista... Então, Átala lembrou que durante uma aula o professor Ronaldo comentou que já houve uma entrevista na casa dele e ele não tinha problema com isso.

Rosiane pediu, então, para que Átala falasse com o professor para saber se a entrevista poderia ser realmente na casa dele. Átala entrou em contato com Ronaldo pelo Facebook perguntando e ele aceitou com o maior prazer.



---

“Quando você é criança e tem amigos é a melhor coisa que tem porque (...) você enxerga outras realidades que são diferentes da sua.”

---

lá (na banca de jornais) e volto (para o local de encontro), eu vejo um movimento de pessoas ao redor, um carro encostado na parede, porque (a batida) fez um barulho muito grande, eu não cheguei a escutar (a batida) porque eu tava longe. Mas as pessoas escutaram o barulho, saíram das casas, e foram ver o que era (que tinha acontecido). E chegou a ambulância e foi rápido. Por isso, quando cheguei (no local do acidente), eu não sabia o que aconteceu. Eu estava procurando os meninos para distribuir o jornal, e eu vi que o carro estava imprensado na parede e as pessoas estavam ao redor e (no chão) estavam os quatro meninos mortos. Ele (o carro) pegou em cheio os meninos (bate na mão). Foi exatamente onde eles estavam. E eu não sei dizer se todos morreram na hora, mas teve o acidente e eles estavam no chão e a ambulância lá carregando... E eu fiquei desesperado porque eu vi os meus amigos no chão e eu (estava) procurando entender o que tinha acontecido, e eu não sabia muito o que fazer porque eu tinha 12 anos. O que é que se faz com 12 anos quando esse tipo de coisa

acontece? Você fica assustado! Eu deixei os jornais no chão e fui para casa. Fui pra casa e deitei na cama.

Não consegui chorar porque eu não tinha entendido o que tinha acontecido... E era muito cedo, foi um choque, eu fiquei desesperado, nervoso. À noite, foi que eu saí e fui conversar com as pessoas e elas (me disseram): “Não, os quatro morreram”. E eu não entendia muito bem o que significava morte, sabe? Doze anos, já era pra entender? Não sei, não sei se é... Tem gente que tem 40, 50 anos, e não entende a morte também. Putz, você perder um amigo... É foda! Imagina você: pega seu melhor amigo, pega os melhores amigos de vocês, pega o melhor! E tira ele. Ele não vai existir mais na sua vida. Agora pega os quatro melhores amigos... Você não tem... É difícil você dizer assim: “Não, eu tenho quatro melhores amigos”, no mínimo tu tem um ou dois melhores amigos. Você fala: “Esses são os meus melhores amigos”. Eu tinha quatro! Porque eles conviviam comigo diariamente, viviam na minha casa, jogavam videogame

A entrevista foi marcada para o dia sete de janeiro, às 15 horas. Os alunos chegaram à casa do professor mais de meia-hora adiantados. Já o entrevistado chegou minutos antes do horário combinado.

(*comigo*). A gente fazia tudo juntos: a gente ia jogar bola, pastorear carro, empacotar no supermercado. Amigos mesmo! (*Pausa*) Eu recebi aquilo (*a tragédia*) da pior forma possível. Eu me isolei. Fiquei na minha casa, minha mãe não entendia muito, porque foi de manhã cedo no domingo (*que*) aconteceu (*o acidente*). Eu queria pensar que não tivesse acontecido, o fato é que eu perdi os meus quatro melhores amigos... Foi uma época em que meu pai tinha me dado de presente um *Super Nintendo* e eu estava jogando muito. E eu (*pensava*): "Vou ficar aqui no meu mundinho mesmo", de vez em quando, eu saía pra falar com outros amigos. Mas a conversa era sempre a mesma: "Ah, os meninos... Ah, se fulaninho tivesse aqui, a gente estaria se divertindo", "Ah, se o Fábio tivesse aqui, ele já teria feito a tua arraia". Porque a gente conhecia muito um ao outro, e eu fiquei no meu mundo, isolado lá em casa. Passei a viajar sempre com os meus pais para a casa de praia que a gente tinha no Pecém. (*Antes do acidente*) eu nunca ia, preferia ficar em casa com os meus amigos, fazendo coisa com os meus amigos e passei a ir com eles (*com os pais para o Pecém, localidade litorânea que faz parte da Região Metropolitana de Fortaleza, no município São Gonçalo do Amarante*).

Até me aproximei um pouco mais da minha família (*depois da tragédia*), mas nunca tocando no assunto (*do acidente*). Eu ficava no meu universo lá jogando videogame, (*que*) foi um grande parceiro nesse sentido de pelo menos eu estar ocupando a minha cabeça e tentando desfocar desse acontecimento. Mas eu ia dormir (*e*) eu lembrava. Foi exatamente o período (*em*) que eu assisti *O Rei Leão* no cinema e gosto muito do filme por causa disso. Tem uma passagem no filme que o Simba vê o pai dele morrendo e a primeira coisa que ele faz é fugir. Ele foge, se esconde lá no mundo dele. E toda a reflexão do filme, eu imaginava assim: "Sou o Simba!" Não tenho culpa do que aconteceu. (*Pausa*) Era para eu estar no lugar deles (*dos quatro amigos*) lá, (*assim como*) o Simba era pra estar no lugar do (*pai*)... Eu internalizei isso de começar a casar essa história de *O Rei Leão* comigo. Eu assisti (*ao filme*) muitas vezes, 17 vezes no cinema, em três, quatro dias, e eu procurava o meu *Hakuna Matata* (*Literalmente, "hakuna"*

*significa "não há" e "matata" significa "preocupação" ou "problema"*). A expressão, de origem africana, ficou mais conhecida graças ao filme *O Rei Leão*, que é onde o Simba sai do seu momento de depressão, de tristeza. Ele conhece novos amigos que apresentam que isso são coisas da vida. Acontecem acidentes, a morte faz parte (*da vida*), e a gente tem de aprender a aceitar isso.

Voltei a jogar bola com outros amigos, voltei a soltar arraia, voltei a viver em locadoras com outros amigos, mas nunca foi a mesma coisa. Eu nunca contei isso pra ninguém, até que gravando o RapaduraCast (*RapaduraCast edição #300, que revela a biografia de alguns podcasters da equipe do Cinema com Rapadura*), eu falei (*sobre*) essa história pela primeira vez. Minha mãe não sabia e ouviu (*o programa*), e ficou chocada. Eu lembro até do que ela falou (*depois*): "É impressionante, você mora na mesma casa da pessoa e não sabe nada do que está passando na cabeça dela". Eu me aproximei muito da minha mãe por causa disso (*ela ter ouvido o programa*). Eu contei a história e ela ficou chocada porque ela não sabia. Ela disse: "Eu lembro que tinha acontecido alguma coisa no bairro. Algumas pessoas tinham morrido", (*mas*) ela não sabia que eram quatro crianças e eu poderia estar no meio dessas crianças. Mas, enfim, fez parte da minha formação isso (*o acidente com os quatro amigos*). Eu perdi os meus amigos, (*foi*) uma sensação muito forte. Um dia que eu perder o meu pai ou minha mãe, eu vou sentir também uma dor do mesmo nível. Eu não sei se vou estar preparado estruturalmente pra isso, ninguém nunca tá preparado.

**Frida** – Você falou que assistindo (*a*) *O Rei Leão*, você começou a procurar o seu *Hakuna Matata*. Você encontrou?

**Jurandir** – Encontrei.

**Frida** – Onde?

**Jurandir** – Encontrei no RapaduraCast. O programa nasceu inicialmente para ser divertido, pra gente conversar sobre cinema de forma divertida e ele se transformou num divã de problemas. Eu estou com um problema e me expressei (*no programa*) e as pessoas escutam, entendem, compartilham: "Olha, eu já passei por isso". E eu me sentia confortável com isso de eu conseguir me expressar num programa... Engraçado porque eu não consigo me

---

**"Eu tive um grande trauma de infância e tive de aprender a superar isso. Eu tenho 33 anos e acho que ainda não superei (...) cresci desse jeito (...)"**

---

Átala sonhou com o dia da entrevista dias antes. No sonho, o professor Ronaldo mostrava a casa para todos os alunos. Além do jardim, ele mostrava um barril enorme e cheio de vinho. No sonho, ele que produzia a bebida e todo mundo experimentava.

Átala comentou sobre o sonho no dia da aula de discussão da pauta. Todos caíram na gargalhada, inclusive o professor. No entanto, todos curtiram a ideia de beber vinho no dia da entrevista.



A black and white photograph showing the profile of a person's head and ear on the left side. The background is a textured, light-colored wall. Overlaid on the right side of the image is a quote in bold, black, sans-serif font.

**"Cinema acabou sendo uma escola pra mim antes mesmo de trabalho. Transformou-se em trabalho por acaso. Eu aprendi muito *(sobre)* cinema."**

Essa foi a primeira entrevista na qual só algumas pessoas foram juntas até o local da entrevista. João Gabriel e Erick foram direto para a casa do Ronaldo, enquanto o resto do pessoal se encontrou na Praça da Imprensa.

expressar com meu pai e com minha mãe que estão na minha frente, mas (*com*) o programa que é escutado por 200 mil pessoas eu consigo. Eu descobri no *podcast*, no RapaduraCast especificamente, esse meu *Hakuna Matata*. Eu criei novos amigos, eu passei a entender os problemas. Não é só um meio de vida, não é só um trabalho, ele é um porto seguro meu. Foi nele que eu me encontrei, me encaixei. E é engraçado porque eu compartilhei essa minha história (*de perder os quatro amigos na infância*), (*e*) outras pessoas compartilharam suas histórias e você entende que não está sozinho neste mundo. Você sofre um problema e pensa assim: "Meu Deus, isso só acontece comigo! Que absurdo! Eu sou um azarado". Aí você compartilha as suas histórias e as pessoas (*comentam*): "Ah, já aconteceu comigo". Você (*pensa*): "É, são coisas da vida".

**Mylena** – Você falou da questão do *Hakuna Matata* e *O Rei Leão* teve muita importância nesse momento da sua vida...

**Jurandir** (*interrompendo*) – Vocês todos viram (*o filme*)?

(*A maioria responde que sim*)

**Mylena** – Como foi que o cinema mudou a sua vida e como ele influencia, até hoje, na pessoa que você se tornou?

**Jurandir** – O cinema, quando eu assistia quando era criança, era diversão... Mas na minha infância era só isso, eram filmes, Sessão da Tarde. Os meus irmãos adoravam cinema, eu assisti a muitos filmes por causa deles. A primeira lembrança que eu lembro de cinema era o (*do filme*) *Meu Primeiro Amor*, (*que*) fala de morte também. Tem alguma ligação comigo esse negócio, sabe (*risos*)? Os anos 1990 basicamente foram (*para*) a minha formação mesmo, (*como*) uma pessoa que estava buscando aprender sobre cinema. Depois que eu fui ficando mais velho é que cinema passou a ser uma coisa diferente.

Quando você assiste a um filme quando é criança... Se você assistir (*a*) *O Rei Leão* só quando você era criança e você assistir hoje, você aprende outras coisas, sua experiência

---

"(...) não entendia muito bem o que significava morte (...) Doze anos, já era pra entender? (...) Tem gente que tem 40, 50 anos, e não entende (...)"

---

O dia da entrevista foi um dia de chuva. Em nenhuma das outras entrevistas, havia chovido. Durante a conversa com o Jurandir, o clima permaneceu ensolarado. Quando a entrevista acabou, os alunos foram pegos de surpresa pela chuva no caminho de volta.

é outra, você pensa de maneira diferente. E aí foi que eu vi que o cinema podia ser uma boa escola pra você aprender sobre a vida, sobre empatia, porque no cinema é massa isto: você se colocar naqueles personagens, naquelas situações. Cinema acabou sendo uma escola pra mim antes mesmo de trabalho. Transformou-se em trabalho por acaso. E eu aprendi muito (*sobre*) cinema. Antes eu era só um cara que gostava de assistir filme, depois eu me transformei num cara que tem de assistir filme. Eu tenho de assistir, tenho de comentar, as pessoas esperam que eu comente algum filme. Sair um filme e pra ele (*o público*) não gastar dinheiro (*pensa*): "Vou ver o que o Jurandir falou", (*ele*) acredita na minha opinião. (*Isso é*) uma coisa assustadora, você fica com uma responsabilidade muito grande de o que eu falar vai impactar a venda ou não de um ingresso. Em termo de negócio, a distribuidora fica preocupada com minha opinião. A gente atinge tantas pessoas... Você fazer 100 mil, 200 mil pessoas (*que ouvem o RapaduraCast*) não irem ao cinema é um prejuízo absurdo num filme! E isso tem muita influência principalmente hoje em dia em rede social. As pessoas falam assim: "Todo mundo não quer gastar dinheiro, cara, ingresso no cinema tá caro: 20, 30 reais, quem tem dinheiro pra gastar toda semana no cinema?" Não tem, né? Cinema é investimento.

O Severiano Ribeiro (*fundador do Grupo Severiano Ribeiro de cinema*) criou um slogan chamado: "Cinema é a maior diversão". É diversão pra quem, talvez, não pague ingresso e pra criança é a maior diversão mesmo. Pros amigos irem é a maior diversão também, mas, quando você gosta muito de cinema e vai ao cinema toda semana, você passa a ser um pouquinho mais seletivo. Você não vai mais assistir aquelas comediazinhas, você prefere ver esses filmes *arrasa-quarteirão* (*que*) você sabe que vai ser divertido. Ou assiste àquele (*filme de*) drama que vai ser indicado ao *Oscar*, um (*filme*) que gerou muita polêmica. Então, são vários fatores que influenciam a ida ao cinema e, comigo, ele (*o cinema*) se transformou em um trabalho, por acaso. Por acaso é uma das minhas paixões, cinema. Enfim, é isso.

**Rosiane** – Jurandir, antes de você perceber o cinema como profissão, você decidiu fazer Administração como profissão...

**Jurandir** (*interrompendo*) – Sim.

**Rosiane** – Mas você acabou optando por fazer Sistema da Informação, por quê?

**Jurandir** – Porque eu sempre fui muito apaixonado por videogame. Sempre fui apaixonado por tecnologia. Meu pai teve condição de comprar um computador nos anos 1990 e eu adorava mexer, e quebrar o computador

(fala rindo). Eu queria fazer Administração porque meu pai é administrador. Com o tempo, eu fui percebendo que eu tinha de fazer o que eu gostava e os meus pais sempre foram *dez* com isso. Meu pai assinava a revista *Globo Rural*, eu adorava, ele assinava por minha causa. Eu gostava de ver as vacas, a criação de peixe, o plantio... Coisa bizarra! Criança, quem gosta disso, né? Muito doido (risos)! Eu adorava isso. Eu poderia ter feito, sei lá, Biologia. Mas, quando eu fiquei mais velho, os meus gostos acabaram diversificando. E a pior escolha que você tem na vida, principalmente adolescente, é o que é que você vai fazer no vestibular, porque como é que eu com 17 anos vou decidir o que vou fazer da minha vida inteira? Às vezes tem gente que acerta (na escolha do que fazer). E comigo foi assim, nas idas e vindas de fazer vestibular, eu (pensei): "Vou fazer Informática porque eu gosto de tecnologia, gosto de computador". Eu escolhi Informática por causa disto, porque eu sou apaixonado por tecnologia e eu enxergava no videogame a tecnologia. Eu gosto muito mais de videogame do que de cinema, por exemplo.

**Brenda** – Jurandir, durante a faculdade, surgiu a oportunidade de elaborar um projeto que acabou sendo o Cinema com Rapadura e na época não era comum ter sites que falassem sobre cinema aqui. Como foi esse processo e essa decisão de montar um site sem ter nenhum tipo de parâmetro?

**Jurandir** – (Fica em silêncio por uns instantes) Não sei dizer (risos), porque, quando a gente fala em termos nacionais, já existiam sites, sim, mas aqui no Ceará não tinha. A gente (os cinéfilos) enxerga (cinema) como uma paixão, como uma escola, como uma coisa que você quer acompanhar, principalmente com Internet, a produção de um filme. Você acompanha desde a escalação dos atores até a primeira foto, até o primeiro trailer. O cinéfilo acompanha isso, o cara que ama cinema acompanha esse processo e era o que a gente adorava fazer. (A gente comentava): "Putz, saiu a primeira foto do *Batman*, vamos ver como é que o (ator) Ben Affleck está como *Batman*". É uma discussão bem específica. Quem não gosta disso não quer saber. A gente descobriu nessa paixão (por cinema) que eu tinha e esses meus dois amigos da faculdade (Régis Diogo e Bruno Sales, co-criadores do site), (e decidiu): "Pô, vamos fazer um site de cinema aqui no Ceará também, pelo menos no Ceará a gente vai conseguir algum destaque". Tem gente que ficou bravo, disse assim: "O que seria sucesso aqui no Ceará? Mil visitas? Mil pessoas acessando um site?" (e a gente dizia) "Caralho! Vamos fazer". A gente estava aprendendo na faculdade a fazer um sistema, a criar um layout de um site, colocar na Internet, ins-

talar no servidor, transferir arquivos, atualizar. A faculdade (de Sistema da Informação) fala muito sobre (criação de) negócios na Informática, então a gente estava aprendendo a criar uma empresa testando. Obviamente que na época a gente não criou um CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica), uma empresa mesmo. Mas o que era uma brincadeira, de a gente fazer notícia, uma crítica sobre cinema, acabou surpreendendo até a gente mesmo, porque em pouquíssimo tempo, quando você pesquisava o nome de um filme no Google, o primeiro site que aparecia era o nosso. A gente (dizia): "Por que a gente está aparecendo?" Em menos de um ano o site tinha mais de 100 mil acessos por dia, aí você (diz): "Caraca, acho que a gente está fazendo uma coisa que o Google entende". Então, a gente ganhava muito acesso com isso. O acesso do site, em pouquíssimo tempo, era um absurdo! A gente olhava o sistema e tinha lá (nas estatísticas): oito mil pessoas online no site no momento (e a gente dizia): "Caralho, oito mil pessoas, tá maluco?" (fala rindo) A gente foi aprendendo a sair dessa ideia de (pensar): "Ah, estamos fazendo um site só entre amigos" para (pensar que) estamos fazendo um site pra muita gente.

**Frida** – Como é lidar com isso (de) você ter oito mil visualizações por dia no primeiro ano de site, (depois) você começar um podcast com 200 mil visualizações?

**Jurandir** – O RapaduraCast faz dez anos neste ano de 2016, o site faz 12 anos, e até hoje eu não sei explicar! Aqui em Fortaleza, existe um público gigantesco que acessa o site e, quando a gente faz um evento, num local cabem 50 pessoas e eu tenho (recebido) 400, 500 pessoas. Eu não consigo ainda mensurar o impacto que tem nas pessoas esse tipo de trabalho. Quando eu vejo um feedback, o cara diz assim: "Vocês me ajudaram num momento em que eu estava muito ruim, (e o podcast) era uma diversão minha". Você começa a coletar essas histórias e você fica assim: "Cara, você realmente está fazendo alguma diferen-

---

**"Eu simplesmente gosto de conversar com meus amigos sobre cinema, a diferença é que (essa conversa) atinge 200 mil pessoas."**

---

O professor, Átala e Rosiane, que manteve contato com Jurandir pelo Whatsapp para orientá-lo sobre o endereço onde seria realizada a entrevista, esperaram o entrevistado no lado de fora da casa.

No dia da entrevista, Jurandir, que é assumidamente um geek, vestia uma bermuda, tênis, uma blusa com a estampa da série americana *Game of Thrones*, além de pulseiras na mão esquerda.

Antes de a entrevista começar, Ronaldo mostrou o jardim para a produção. O espaço, alvo das fotografias postadas diariamente nas redes sociais do professor, é repleto de plantas e flores coloridas, que no dia estavam molhadas por causa da chuva.

ça. Você está fazendo uma coisa que as pessoas gostam". Muita gente não gosta, muita gente critica, mas acho que faz parte de todo um projeto de atingir muitas pessoas, é (o caso de) você concordar comigo, (ou se) eu falar mal de um filme e você ficar puta comigo, faz parte do negócio.

Eu faço (o RapaduraCast) há dez anos, eu sei que impacta as pessoas, mas eu não consigo dizer assim: "Realmente faz muita diferença". Isso não é por causa de ego, ou de (pensar): "Meu Deus, eu me acho o fodão da Internet". Eu não me acho nada disso! Eu simplesmente gosto de conversar com meus amigos sobre cinema, a diferença é que (essa conversa) atinge 200 mil pessoas. Você vai ver que o podcast tem (um público de) 200 mil pessoas que baixam (o programa). São pessoas adultas, normalmente. A nossa faixa (etária) maior de público é de 22 a 35 anos, ou seja, um público adulto, já na faculdade, que já trabalha, que é consumidor, o valor disso é muito grande. São pessoas que já têm a cabeça, em tese, formada, e elas se impactam com aquilo que a gente fala. Quando você lança um podcast, quando você diz assim: "Pô, gente, tô com febre aqui, não vou conseguir terminar de editar hoje, mas amanhã eu termino", você vê lá 100 comentários dos caras: "Descansa, vai sair um negócio de qualidade amanhã", você vê que (o podcast) realmente faz parte da rotina das pessoas. Elas esperam aquele produto e gostam mesmo daquele negócio.

**Lauriberto** – Durante o início do Cinema com Rapadura, quais foram as principais dificuldades enfrentadas por vocês?

**Jurandir** – Financeiramente, a gente não teve problema. Porque nós éramos estudantes, a gente estava na faculdade, não trabalhava e os pais estavam de boa com isso. Até um ponto que chega e fica inviável de você ficar com 25 anos e não trabalhar. Aí a família: "Putz, vamos se mexer, vamos fazer alguma coisa aí". Mas financeiramente a gente não teve problema com isso, pelo menos inicialmente.

A maior barreira da gente, principalmente do RapaduraCast, quando a gente começou em 2006, foi que a gente deu de cara pela primeira vez com o preconceito. Por ser um site cearense que domina no Google, que as pessoas comentam, que tem um impacto grande, que tem muito acesso. Quando vai para a voz (dos locutores no podcast), tem o sotaque de cearense... O nosso público, a maioria é do Sudeste, São Paulo e do Rio (de Janeiro), e as pessoas começam: "Esse cabeça chata", "Esse cearense fazendo essas coisas", "Não tem nem cinema no Ceará", "Tem nem água, vai ter cinema no Ceará?" Essas coisas que a

gente recebia (de comentários). O maior obstáculo da gente foi esse, inicialmente. (O obstáculo) de a gente provar para as pessoas que a gente tinha algo a oferecer, além de (o RapaduraCast) ser um negócio divertido, de ser uma reunião de amigos... (A gente queria) tirar aquela imagem de que o Ceará é só humor. A pessoa ouve (falar do) Ceará, aí pensa em humor, sertão, pensa em Tom Cavalcante, Chico Anysio (humoristas cearenses nacionalmente reconhecidos. O primeiro ainda em atividade. O segundo falecido no ano passado)... Não, tem gente no Ceará que faz conteúdo. Tem gente que faz música legal que não é só forró. Tem gente que produz cinema aqui que o próprio cearense não conhece, mas (o trabalho) é reconhecido lá fora, aí depois passa a ser reconhecido aqui. A gente começa a ver essas pequenas barreiras que são invisíveis para quem está de fora.

Quando aconteceu o Cine Ceará (Festival de cinema surgido em 1991 e realizado em Fortaleza anualmente) em 2004, exatamente quando a gente lançou (o site), estava eu e esses meus dois amigos que criamos o site, com a camiseta do Cinema com Rapadura, chegando lá (no festival) e produzindo as matérias e a gente ia dormir meia-noite e acordava sete horas da manhã pra ficar na assessoria de imprensa. A gente fazia esse tumulto todo. O cara do Estadão (Jornal O Estado de São Paulo) veio de São Paulo para cobrir o Cine Ceará, falou: "Porra, o site de vocês, eu acessei lá, é atualizado pra caramba! Quantas pessoas trabalham (na produção do site)?" "Não, só nós três aqui." "E o Cine Ceará, tem uma equipe (do site) aqui?" "Não, só nós três mesmo também." (risos) "Mas se o pessoal quiser vender publicidade no site, quem é que cuida?" "Não, nós três também." (risos). Era tudo nós três. E ele (o repórter do Estadão) via assim: "Caraca, mas vocês conseguem fazer tudo sozinhos?" "É, a gente dá nosso jeito aqui." Ele fez uma notinha lá (para ser publicada no jornal): "Um

---

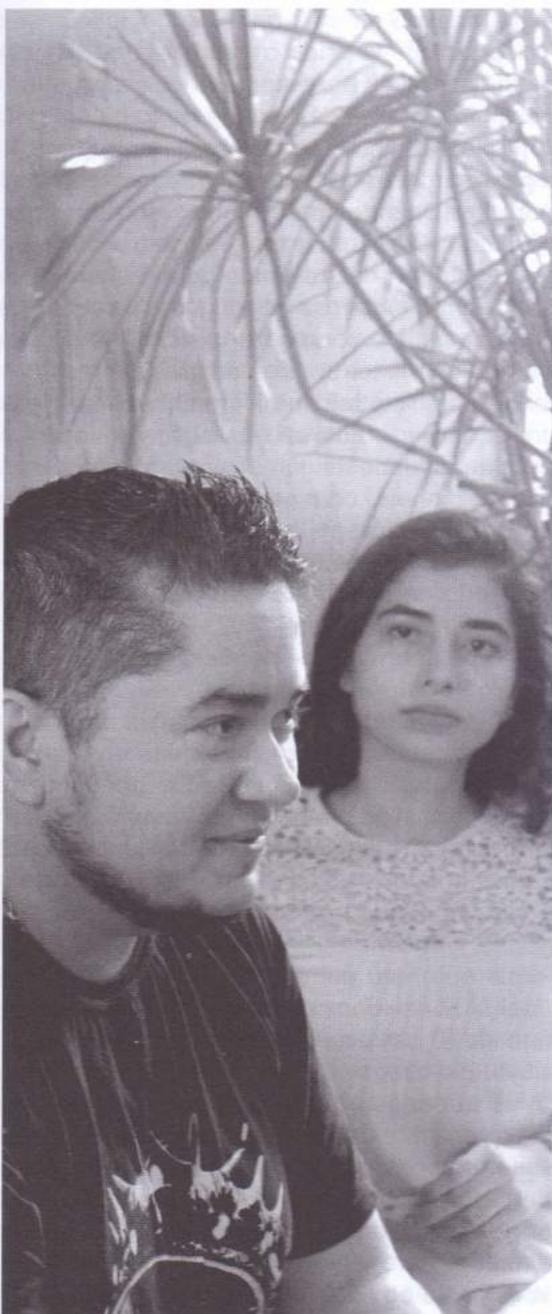
"(...) você se dedica tanto pra fazer um trabalho e os primeiros comentários são sobre sotaque, sobre o Ceará e (aqui) ninguém faz nada com isso (cinema)"

---

O professor também mostrou o frigobar com água, cervejas e vinho. Na varanda do quarto, com vista para o jardim, tinha uma mesinha cheia de copos de diferentes tamanhos, onde ele costuma beber a cervejinha.



Na casa do professor, existem várias edições da *Revista Entrevista*. São prateleiras ao redor do quarto e corredor. Inclusive tem um pôster da capa de uma das revistas no quarto dele.

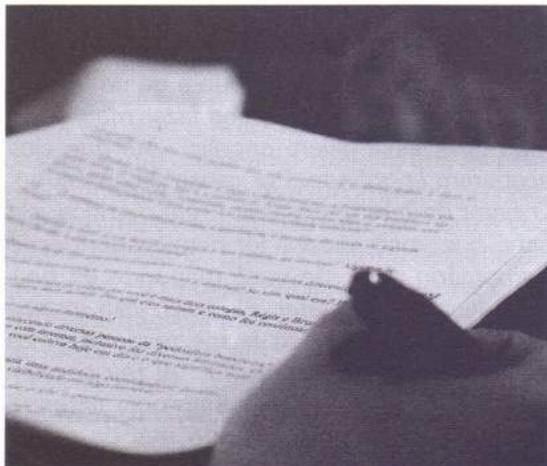


site do Ceará, Cinema com Rapadura, com nome engraçado, mas com muito conteúdo, ganha destaque..." No dia seguinte, saiu esse jornal (com a notícia sobre o Cinema com Rapadura) e a gente tirou um print lá (da matéria). A gente ficava muito feliz porque era o primeiro reconhecimento do negócio. Quando a gente saiu no *Estadão*, a *Folha de São Paulo* fez uma notinha também (sobre o site). A gente descobriu que pra fazer sucesso aqui (no Ceará), a gente tinha de fazer sucesso lá (no Sudeste). A gente ganhou uma coluna no Caderno "Zoeira" do *Diário do Nordeste*. A coluna durou dez anos.

Nesse início, o maior obstáculo era a falta de tempo – porque a gente tinha muita coisa pra fazer –, o preconceito que a gente teve de quebrar, e (esse preconceito) é muito desanimador. É muito desanimador você passar horas editando um *podcast*, lançar (o *podcast no site*) e (um ouvinte mandar) um comentário assim: "Ah, pra que deram Internet pro nordestino?" Você receber essas coisas e isso mexe com a sua criação, mexe com a sua formação, mexe com tudo. Quebra tudo aquilo que você está fazendo. É triste quando você se dedica tanto pra fazer um trabalho e os primeiros comentários são sobre sotaque, sobre o Ceará e (aqui) ninguém faz nada com isso (cinema). A cada tijolada que a gente levava, (a gente dizia): "Não, vamos fazer mais e vamos fazer essa galera engolir". Até que eles acabaram engolindo. Por causa de conteúdo. O *hater* de Internet é assim: ele o critica, ele acha que você não vai ler nem responder (o comentário dele). Se você responde de boa, isso desmonta o *hater*. Ele (diz): "Ah, nunca esperei que o Jurandir ia me responder. Eu gosto muito do teu trabalho". Aí (eu comento): "Caralho!" (risos), "mas no post anterior, tu tava me xingando, falando mal de mim."

Duas pessoas foram cotadas para fotografar a entrevista, ambas da mesma turma dos alunos participantes dessa edição da *Revista Entrevista*: Nah Jereissati e Larissa Feitosa.

Nah foi a escolhida. Como Nah estava um pouco adoentada na semana da entrevista, a equipe de produção decidiu conversar com Larissa no caso de ser preciso uma substituição de última hora. Felizmente, Nah pôde comparecer à entrevista.



No momento de apresentar os entrevistadores ao Jurandir, a equipe de produção falou os nomes e os apelidos de cada um, o que provocou gargalhadas e trouxe um clima de descontração antes de a entrevista começar.

“Não, mas é porque eu não gostei de uma coisa, mas eu sou fã de vocês”. Você vê que às vezes esses caras não sabem nem o que estão fazendo na Internet. Não é lição de humildade. Na prática, você aprende que todo comentário negativo, se você responde de forma positiva, você transforma aquele comentário negativo numa coisa positiva. Então, você começa a desconstruir, você vê que a Internet virou um palco de raiva, que, se você souber lidar com essa raiva, você transforma numa coisa positiva. Mas será que a gente todo dia tá com essa paciência de fazer isso? Dificilmente, a gente não está. (Às vezes) você recebe um comentário desse, dá um *block*, *delete*, acabou.

**Rosiane** – Durante a pré-entrevista, você falou que, nos primeiros quatro anos, vocês não ganhavam nada com o *site*. A partir de que momento o *site* saiu de uma coisa com a qual vocês não ganhavam nada para se tornar algo rentável?

**Jurandir** – Quando a gente fala de dificuldade (*pausa para pensar*) são coisas que impossibilitam você desenvolver o trabalho, né? A gente não tinha problema nenhum, porque a gente morava na casa dos pais, sustentados por eles. Dois dos participantes do programa (*RapaduraCast*), um fazia *freelance*, eu fazia algumas coisas de *freelance* de *site*, porque o *site* deu um *expertise* para a gente de construção de *site*. No começo dos anos 2000, todo mundo queria ter um *site*, eu fazia alguns *freelance*, então eu tinha uma graninha. Mas o *site* em si não era rentável, era absurdo você ter essa quantidade de gente acessando (*o site*) e não ter dinheiro com esse *site*.

Os anos foram passando, (*no começo*) eram três amigos, depois se tornaram dois cuidando do *site*. Depois eu fiquei sozinho e, mais ou menos ali em 2007, 2008, foi que eu bati o pé assim: “Esse negócio tem de dar dinheiro”. Até pra mim, para eu me convencer de que o negócio deu certo, para os meus pais entenderem que valia a pena eu madrugar tanto trabalhando no *site*. Eu morava com meus pais, aí eu chegava (*em casa*) e fazia assim: virei a madrugada editando um *podcast* ou fazendo uma notícia, uma crítica, fui dormir quatro horas da manhã. Acordava no dia seguinte, em cima da minha mesinha tinha um jornal que meu pai deixava com (*notícias do tipo*) “Anunciados concursos públicos”. Eu sei que ele (*o pai*) estava pensando de forma positiva. Ele chegava (*para mim*) e falava assim: “Mas tu podes trabalhar e continuar no *site*”. Ele queria que o filho conseguisse alguma coisa, e um concurso público é um pensamento de todo pai, pelo menos (*é*) uma garantia de que você vai ter um emprego e vai ganhar um dinheiro. Para eles (*os pais*), não importa se você gosta ou não daquele trabalho.

Eu recebia isso (*os jornais*) e, ao invés de aceitar como desmotivação, como eu já aceitei muitas vezes, eu aceitava como motivação. (*Eu pensava*) "Tenho de fazer essa porra dar dinheiro porque não é possível estar quatro anos trabalhando em um negócio todo dia e o negócio não ser rentável". Como é que pode 100, 150 mil pessoas acessando um *site* todo dia e (*ele*) não dar dinheiro? Pensando, pensando: "Vou fazer uma pós-graduação, vou estudar marketing, vou pensar em algumas coisas". Fiz (*pós-graduação em*) Marketing na Internet, pesquisei, li alguns livros e comecei a bolar estratégias para fazer o *site* dar dinheiro. E eu entendi como é que funcionava o mercado de publicidade, na Internet especificamente. Passei a viajar algumas vezes para São Paulo, (*onde*) eu fazia reunião com as agências e apresentava o *site*. Aprendi a fazer a apresentação do *site*, de mostrar por que é que vale a pena anunciar no Cinema com Rapadura, porque a gente tem um poder de influência muito grande e nosso público é engajado, então a gente consegue vender bem um filme ou um produto. E começou a entrar grana no *site*. E eu transformei (*o site*) em empresa mesmo.

Quando o *site* começou a gerar grana, foi que, inclusive eu, minha família e todos os envolvidos perceberam que o negócio tinha dado certo. Normalmente, não dá certo. Normalmente, você joga tempo fora (*trabalhando na Internet*). Noventa e nove por cento dos *blogs*, *sites* fecham. O pessoal desiste... Tudo isso faz parte de um processo que é muito difícil, é muito complicado. Eu não sou o sortudo do mundo por ter conseguido fazer o negócio funcionar, mas eu trabalhei muito para fazer esse negócio funcionar. Eu e meus parceiros, meus editores, meus redatores.

**Tais** – E qual é a origem do nome Cinema com Rapadura?

**Jurandir** – A gente estava fazendo um churrasco nessa minha casa do Pecém, eu e esses meus dois amigos da faculdade (*Régis Diogo e Bruno Sales*). E a gente (*comentou*): "Pô, a gente vai fazer um *site* de cinema". Aí fechou cinema. "Vamos decidir o nome." "Pipoca... Cinema com Pipoca." (*Alguém*) disse: "Não, mas isso é muito normal, é óbvio, pipoca com cinema". Eu disse: "Vamos lançar um (*nome*) que vai ser massa. Vai ser um negócio bem regional, cearense. Baixa da Égua." (*risos*) A gente começou a pensar: "Mas e se o *site* crescer? A gente vai ter uma reunião com o cliente, e (*alguém*) fala assim: 'Não, esses são os meninos do Baixa da Égua'" (*risos*). E a gente: "Putz, realmente é um nome engraçado, mas é muito bizarro. Vamos fazer o seguinte, vamos pegar um negócio regional". E a gente começou a pensar em vários nomes, cinema... (*pensando*) A gente chegou



Nah acabou chegando atrasada. Por causa de um imprevisto, ela não conseguiu chegar a tempo de acompanhar o primeiro bloco da entrevista.



Durante o primeiro bloco de entrevista, a turma notou que Jurandir permaneceu quase o tempo todo de braços cruzados e com a expressão séria. No segundo bloco de perguntas, ele se permitiu gesticular com as mãos e sorrir mais.

Na conversa com Jurandir, ele revelou que um dos motivos que o fizeram ter se aproximado da mãe, depois de mais velho, foi a curiosidade em querer entender melhor espiritismo, já que ela estuda o assunto. No entanto, ele se diz não religioso.

no rapadura. Cinema com Rapadura. A gente (*pensou*): “Macho, nada a ver” (*risos*). Quem come rapadura no cinema? Ninguém! (*fala rindo*). A gente falou: “Não, mas é isso, você traz o regionalismo (*para o nome*)”. Você escuta o nome Cinema com Rapadura. Ele soa engraçadinho – num primeiro momento, isso foi muito positivo para o *site* porque a pessoa citava Cinema com Rapadura, (*alguém*) falava: “Caralho, nunca tinha pensado nisso”. As pessoas acham divertido, e no nome a gente chama atenção. Quando as pessoas vão falar com a gente, falam assim: “Não, os rapaduras estão ali”. Virou o nosso nome basicamente. Os Rapaduras. A gente chama o público que acessa o *site* de rapaduriano ou rapaduriana. Quando a gente ia pensar que ia transformar o nome rapadura em sinônimo de alguma coisa de cinema, sabe? Só na Internet mesmo, que é uma loucura. Você pesquisa hoje “rapadura” no Google e o primeiro (*resultado*) que aparece é o Cinema com Rapadura.

Conversando e se divertindo, a gente achou um nome e insistiu no nome, porque a coisa mais fácil do mundo é você desistir. Porque Cinema com Rapadura... (*A gente pensava*) “A galera não vai dar moral nenhuma (*para o site*)”. E as pessoas inicialmente não davam moral. Mas hoje, 12 anos depois, as pessoas escutam (*o nome*) Cinema com Rapadura, principalmente a turma de imprensa e publicidade, (e esse nome) já é um nome que tem um histórico.

**Frida** – Em 2004, surgiu o *site*, e em 2006, começou o RapaduraCast. Ter duas mídias diferentes, um *site* e um *podcast*, falando sobre o mesmo tema, foi uma necessidade, um desejo ou uma consequência do trabalho do *site*?

**Jurandir** – Foi consequência mesmo. A mídia *podcast* já estava começando a surgir. Ela surgiu exatamente no ano de nascimento do *site*, em 2004. A gente tomou conhecimento de que seria massa gravar a nossa conversa, disponibilizar para as pessoas ouvirem. A nossa escola sempre foi o rádio. Eu sempre fui muito fã de rádio AM. Muita gente detesta. Eu adoro (*ênfase*) aquele som diferente, um pouco ruim se comparado com a rádio FM. E eu sempre achei massa porque tinha umas mesas-redondas de discussão sobre futebol (*na rádio*) e eu achava massa a confusão. O público: “Ah, tu não sabe de nada”. E eu: “Putz, seria massa ter um (*programa desses*) de cinema”. E a gente bolou isso. Eu não sabia nada... É porque eu insisto muito nas coisas e, normalmente quando eu quero fazer algo, eu nunca sei o que é que eu estou fazendo (ri).

(*Sobre*) *podcast*, (eu) nunca tinha mexido com áudio, nada de edição. Nunca tinha feito nada. E eu sempre imaginei assim: “Cara, para

você fazer alguma coisa em áudio, você tem de ter uma voz boa”. Minha voz era horrorosa. Como é que as pessoas vão querer me ouvir? Se eu falo para dentro. Eu falava muito baixo e com a prática, com a desenvoltura, com o tempo, você percebe que, se você muda um pouco o tom de voz, você chama a atenção das pessoas. Se você fala assim (*fala com voz baixa*): “Não, quando eu criei o *site*, era desse jeito”. Mas se você falar assim (*agora fala com voz rápida e animada*): “Quando eu criei o *site*...”, você desperta o interesse nas pessoas. E no *podcast*, eu gostei muito de gravar sorrindo. Para o público não faz sentido, mas quando você está ouvindo, (*o áudio*) tem um impacto diferente. Porque as pessoas escutam o *podcast* felizes, tristes, no pior dia da vida delas, no melhor dia da vida delas. Você vai começar um programa e você está morrendo mais do que o ouvinte. Ninguém quer ouvir um cara desses. Eu aprendi tudo isso fazendo *podcast* e foi tudo escola. Não sabia fazer *podcast*, fazia testando, editava, errava na edição, errava na gravação, melhorava um pouquinho a entonação de voz. Você aprende o tempo de voz e como mediar uma conversa, como fazer uma pausa. E isso é muito legal porque tudo vira escola. Eu gosto dessa parada da escola, de não saber nada. É ruim porque mostra um pouco de despreparo, para algumas pessoas pode parecer despreparo. (*Podem dizer*): “Pô, como é que começa um negócio desse jeito?” Hoje eu não começaria o *podcast* como eu comecei naquela época, mas ninguém fazia (*podcast*) naquela época. Então, para mim aquele (*podcast que fazia no começo*) era o bom, porque ninguém fazia.

**Daniel** – Jurandir, o público de *podcast* é muito engajado e geralmente os *podcasts* têm uma audiência de dar inveja a várias mídias tradicionais. Qual seria o grande diferencial da mídia de *podcast*? Por que alcança tantas pessoas e por que o público é tão engajado com aquele produto?

**Jurandir** – Tem a questão da idade do público que a gente atinge. Hoje, o maior fenômeno de mídia são os *vlogs* (*abreviação de videoblog: vídeo + blog*), no Youtube, eles conseguem ter um poder de impacto muito grande, mas na maioria das vezes (*os consumidores*) são jovens, (*de*) 15 anos. Normalmente meninas de 14, 15 anos que adoram o Felipe Neto (*ator, comediante e vlogger, mais conhecido por ter criado um dos primeiros canais do Youtube sobre comportamento*), o Kaio Oliveira do Xafurdaria (*canal do Youtube de humor cearense*), o Whindersson (*Whindersson Nunes, comediante piauense que é atualmente um dos maiores vlogueiros do Nordeste*). Normalmente, (*os consumidores de vlogs*) são crianças, são jovens que se em-

O Cinema com Rapadura surgiu quase no mesmo período em que o Jovem Nerd, considerado “concorrente” do *site* de Jurandir. Os *sites* têm uma falsa rixa e costumam fazer parcerias ocasionais.

polgam. O público de *podcast* é um público bem mais velho, então, para ele se empolgar, o negócio tem de ser bom ou tem de mexer com ele. Se a gente conta uma história no *podcast* e ele (o ouvinte) sente aquele negócio (e pensa): "Putz, passei por isso", "Vou assistir esse filme porque eu sei que vai mexer comigo". O *podcast* consegue mexer (com o ouvinte) porque a atenção da pessoa está totalmente aqui (coloca as mãos nos ouvidos). Então, a pessoa trabalha, passa duas horas dentro do ônibus, (mas) tem o fonezinho de ouvido lá com o *podcast* (para ouvir), (e assim) a gente está fazendo companhia. A gente cria esse vínculo com essa galera.

A gente até tem de ter muito cuidado com o que é falado no *podcast* porque, se a pessoa está mal, se a gente fala brincando: "Cara, às vezes eu assisto uns filmes aí que dá vontade de pular da janela", "Rapaz, eu assisti um filme tão ruim que eu vou pular da janela agora". O cara que está mal, está depressivo, (se ele) escuta um negócio desse, você dá pilha (no sentido de incentivo) na pessoa. Aí você passa a ter um cuidado, um cuidado assim (de dizer): "Putz, esse filme é muito ruim", uma pessoa

comenta assim: "Ah, dá vontade de pular da janela", (outra) fala: "Nenhum filme é tão ruim assim que você fica com vontade de pular da janela". Você contorna algumas coisas porque sabe que as pessoas podem receber aquilo como uma piada e outras podem receber de uma forma negativa, né? Porque a gente sabe o poder do *podcast*.

A concentração está toda aqui (toca novamente os ouvidos com as mãos). Macho, se você tampa os seus ouvidos com dois fones de ouvido, parece que o que está acontecendo no mundo só está aqui (permanece com as mãos nos ouvidos). Então, a gente acaba percebendo que o impacto da mídia *podcast* é grandioso. A mídia não é grande. O impacto é grandioso nas pessoas que conhecem, mas a mídia não é grande como é um *Youtube*. Porque a gente não tem um *Youtube* de *podcast*. Para você ouvir *podcast*, você tem de ter um conhecimento, tem de saber baixar um *podcast*, você tem de saber transferir para o seu celular e o público (normal) não sabe fazer isso. Ele sabe acessar o *Youtube* e apertar um *play*. Talvez, quando criarem uma plataforma, um *Youtube* para *podcasts*, a mídia se torne

Um dos *podcasters* do Jovem Nerd, Deive Pazzos (o Azaghal), foi quem criou a hashtag viral #ChupaJurandir, utilizada como uma provocação de mentira contra Jurandir. Daniel, Erick e Lauriberto costumavam citar a hashtag nas aulas.



---

**"Quando o *site* começou a gerar grana, foi que, inclusive eu, minha família e todos os envolvidos perceberam que o negócio tinha dado certo."**

---

Em 1994, quando *O Rei Leão* estreou nos cinemas, Jurandir gostou tanto do filme que foi assistir à produção 17 vezes. "Naquela época, você podia pagar um ingresso e ficar no cinema e assistir às outras sessões", explicou à produção.

Jurandir contou durante a conversa que, quando assistiu *Curtindo a Vida Adoidado*, sentiu vontade de matar aula para jogar futebol, ir ao parque e à praia. Mas não fez.

tão popular quanto um *vlog* desses.

**Erick** – Como foi essa decisão do Jurandir Filho se perceber: “Poxa, a partir de agora eu quero ser um *podcaster*?”

**Jurandir** – As pessoas sempre ouviram no RapaduraCast eu falando sobre cinema, mas eu sempre comentava: “Putz, mas eu estou jogando tal jogo”, “Tô assistindo tal série”, mas não cabia dentro do universo do RapaduraCast eu comentar sobre jogo e série. A gente até tentou fazer isso, em algumas edições (*do podcast*) falar sobre essas temáticas, porque o RapaduraCast é um *podcast* sobre cinema, o cara que vai ouvir, vai ouvir sobre cinema. E chega o 99vidas (*podcast criado por Jurandir Filho e Izzy Nobre em janeiro de 2010 com o intuito de comentar e lembrar os videogames mais clássicos*). Eu tive essa ideia (*de criar um podcast sobre games*) com o Izzy Nobre, que mora no Canadá, (*ele*) tem um *vlog*, (*e naquela época*) a gente já tinha uma relevância na Internet. A gente criou (*o 99vidas*), já nasceu grande o *podcast* porque a gente já tinha um *background* de produção de Internet. E ele (*o 99vidas*) se transformou na minha fuga do trabalho. Eu amo fazer o Cinema com Rapadura, fazer o RapaduraCast, mas pra mim é trabalho. Eu adoro assistir aos filmes, eu me divirto no cinema... Porque as pessoas falam: “Ah, quando você trabalha com o que gosta, deixa de ser trabalho”, e, às vezes não é assim. (*Se*) você trabalha com o que você gosta, existe um grande risco de você deixar de gostar. Tipo um pasteleiro que criou uma lanchonetinha pra vender pastel. Depois de cinco anos trabalhando, ele não aguenta mais sentir aquele cheiro de pastel.

Você escuta assim: “Trabalhar com cinema, maravilha, adoraria passar o dia vendo filme em casa”. Adoraria o caralho! Eu fiz uma maratona de James Bond, porque a gente fechou um patrocínio, (*então*) eu assisti a 23 filmes do James Bond em três dias! (*suspiros da turma*). Sabe o que é assistir a 23 filmes em três dias? Se você assiste a um filme de duas horas e já não aguenta, assistir cinco, seis, sete (*filmes*) seguidos não é fácil. Mas também não estou aqui dizendo: “Ah, meu Deus, é o trabalho

---

**“Você escuta o nome Cinema com Rapadura. Ele soa engraçadinho (...) As pessoas acham divertido, e no nome a gente chama atenção.”**

---

Com uma duração de duas horas e 23 minutos, a entrevista foi uma das mais longas desta edição. O material bruto de transcrição feito pela equipe de produção resultou em um total de 42 páginas.

mais difícil do mundo”. Não é o trabalho mais difícil. Eu sei que tem gente que tem de fazer muito mais para conseguir alguma coisa. Mas realmente (*assistir filme*) é um trabalho massa, mas é trabalho. E eu considero o Cinema Com Rapadura, o RapaduraCast como um trabalho. Hoje o 99vidas tem o mesmo público do RapaduraCast, (*em questão*) de quantidade (*de ouvintes*). E são projetos diferentes, um é cinema e o outro é videogame. São os mesmos ouvintes? Às vezes não. Tem muita gente que conhece o 99vidas e não conhece o Rapadura (*RapaduraCast*), conhece o Rapadura e não conhece o 99vidas. O 99vidas foi minha fuga, porque eu pude resgatar o Jurandir da infância. Eu faço as minhas brincadeiras, a gente lembra... É um *podcast* sobre nostalgia, a gente fala sobre coisas antigas, da época em que a gente assistia a Xuxa, assistia aos Smurfs, Vovó Mafalda, os animes da (*então TV*) Manchete (*hoje Rede TV*). Toda aquela cultura dos anos 1980, 1990, a gente comenta no 99vidas, mas com foco em videogame. E ele (*o 99vidas*) passou a crescer, crescer, crescer, e chama a atenção de anunciantes, e vira trabalho também. O que era fuga vira trabalho. Mas ele ainda é uma fuga divertida, porque eu sei que eu vou gravar (*o programa*) e dar risada.

Eu falo assim: “Putz, eu não gosto só de cinema e games, eu gosto de mais coisas. Eu gosto de série, por exemplo”. Aí vai e cria um *podcast* de série (*Canal 42, podcast sobre séries apresentado por Jurandir Filho, Bruno Costa e Ricardo Rente*). A gente completou 40 edições dele nesse ano que acabou (2015). O primeiro ano do *podcast* (*Canal 42*) está atingindo 30 mil pessoas... Então, o *podcast* está começando a crescer também e vai acabar se transformando em um trabalho. As pessoas falam: “Jurandir, falta fazer um *podcast* de música, né?” “Não, gente.” A minha cota de *podcast* acabou porque senão não tenho tempo. Vou fazer três gravações por semana, gravações de duas horas, falando ininterruptamente, com uma entonação diferente. Eu estou falando aqui com vocês, (*mas*) eu não uso essa entonação quando eu estou gravando. Uso uma bem mais acelerada, bem mais empolgada, porque as pessoas esperam este Jurandir: o Jurandir empolgado, que com uma frase ele vai te convencer a assistir a um filme, ou assistir a uma série ou jogar um jogo. E aí cansa! Eu acabo a gravação, fico exausto, cansado pra caramba! Ter essa concentração é muito desgastante. Faço isso três vezes por semana, e edito parte desses *podcasts*. Um *podcast* de duas horas demora de 14 a 15 horas para editar.

**Rosiane** – Jurandir, entre 2009 e 2010, você realizou um trabalho com a mídia *podcast* junto aos Clubes de Leitura e com o apoio da Secre-

taria de Educação do Estado do Ceará. Como foi essa experiência? E, após essa experiência, quais diferenças você percebeu ao trabalhar o *podcast* como algo comercial e trabalhar o *podcast* como uma ferramenta social?

**Jurandir** – Foi muito legal. Esse projeto tem uma importância muito grande, ele caiu como uma... *(pausa para pensar)* Porque eu percebi o poder que o *podcast* tem. Principalmente no ensino. Aqui no Brasil, não se usa muito *(o podcast como ferramenta de ensino)*. Nos Estados Unidos, muitos professores disponibilizam aulas para os alunos ouvirem. Então, é rotina para eles ouvir *podcast*. Aqui no Brasil, a gente não tem isso. Quando surgiu essa oportunidade de apresentar o *podcast* para a Secretaria de Educação do Ceará, em várias cidades, *(a gente)* dizia assim: “A gente vai poder fazer com que o professor não seja só aquela lousinha, aqueles TDs *(abreviatura das tarefas diárias)*. Ele pode fazer uma coisa muito diferente. Ele pode dar uma aula em áudio sem as amarras de colégio. Fazer algo divertido, falar sobre história”. Eu tenho certeza de que muita gente que ouve *podcast* aprende muito mais quando o professor que faz *podcast* explica da forma dele, sem amarra acadêmica. Ele *(o professor)* fala assim: “Vamos falar sobre a Síria, o que está acontecendo, o Estado Islâmico etc.” Às vezes, a gente lê um jornal e não entende o que está acontecendo ali, lê uma matéria na Internet e também não entende. Um professor tenta explicar, e é tão complexo o negócio que às vezes não dá para explicar em uma sala de aula. Você pode fazer um *podcast* de duas horas falando sobre o assunto. O professor normalmente dá uma aula sozinho, mas você junta *(mais)* dois professores, que são três cabeças diferentes que entendem muito sobre o assunto conversando sobre aquilo e apresentando para os alunos uma dinâmica diferente... O aluno até fica interessado. Muitos alunos se perguntam: “Ah, como seria o meu professor fora da sala de aula? Será que ele conversa sobre esses assuntos com os amigos dele?” O *podcast* traz essa curiosidade.

Muita gente está utilizando o *podcast* como ferramenta de ensino e, quando surgiu esse projeto para dar palestras e fazer *workshops* com a Secretaria de Educação de várias cidades do interior, ensinando como fazer uma gravação de *podcast* para o uso acadêmico, tive de trabalhar todo esse processo de ensino, de como fazer *podcast* e de como isso pode impactar na educação das crianças, né? Porque a molecada está toda na Internet! Você cria um produto para a Internet, e você consegue atingir seu público. Você pode fazer diferente, você pode ser mais divertido, você pode ser o professor que não é na sala de aula e trazer ou-

---

“(...) a gente acaba percebendo que o impacto da mídia *podcast* é grandioso. A mídia não é grande. O impacto é grandioso nas pessoas que conhecem (...)”

---

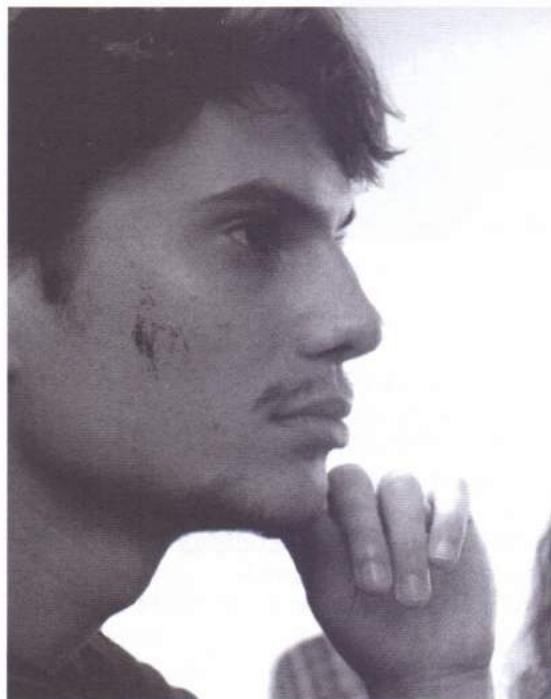
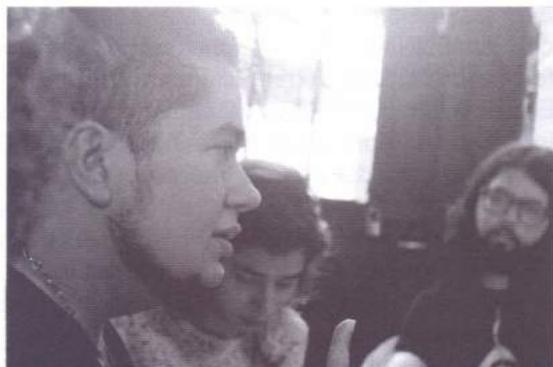


tro tipo de conteúdo. Eu aprendi muito porque eu vi gente com tanta história legal, principalmente o pessoal do interior, que diz: “Tenho tanta vontade de fazer, mas eu não sei mexer na Internet”. E a gente quebra uma barreira de ensinar a fazer, você apresenta a Internet para um monte de gente e as possibilidades *(em)* que isso pode acontecer. Acredito no *podcast* como transformador, sim, e eu sinto uma inveja do *caralho* dos Estados Unidos de ver como eles estão utilizando o *podcast* para todo tipo de coisa. Saiu uma pesquisa dizendo

Ao final da entrevista, Ronaldo convidou Jurandir e os alunos para degustar um lanche que havia preparado para todos. Em seguida, a turma lembrou do dia da entrevista com a tia Cleide, que também fez essa gentileza.

Além de salgadinhos, suco e refrigerante, Ronaldo fez uma surpresa. Ele pegou um vinho chileno e abriu dedicando a Átala. Todos riram concordando que ela tinha de beber o vinho e realizar o sonho. Ela sugeriu um brinde.

Átala ficou muito surpresa e agradecida pela gentileza do professor. Ela pediu para alguém mais acompanhá-la na bebida. As únicas que beberam também foram Mylena e Frida. O vinho estava muito bom. Todos falaram que isso deveria ser uma janelinha.



Durante o lanche após a entrevista, a turma conversou sobre bebidas e carnaval. Frida contou sobre um dia em que saiu de casa com dois reais no bolso, foi a muitos lugares e, quando acordou no outro dia, ainda estava com os mesmos dois reais no bolso.

que eles não escutam mais rádio, eles escutam *podcast*. Por isso que o pessoal da rádio está indo para o *podcast*.

**Mylena** – Voltando um pouco para a questão do cinema... Em uma das suas postagens (no site *Cinema com Rapadura*), intitulada “Cinema a 1 real”, houve toda uma polêmica sobre algumas das suas opiniões dadas no *post*. Como foi lidar com essa situação?

**Jurandir** – Foi um aprendizado muito grande! Você passa a ter noção do quanto as pessoas se importam ou não com a sua opinião, quando você vê esse tipo de *feedback* tanto positivo como negativo misturado no mesmo local. Quando eu fiz essa postagem, eu sabia que ia gerar uma repercussão tanto positiva quanto negativa. Eu fiz uma postagem para tentar mostrar para as pessoas porque o cinema tem um valor, porque o ingresso é 15 reais e não 0,50 centavos. Porque existe toda a mão de obra, de estrutura, de (o cinema) estar dentro do shopping (*porque*) tem aluguel, tem

segurança, tem projecionista, tem toda uma mão de obra dentro de um cinema. A Internet é muito cruel às vezes porque não importa a intenção, importa como as pessoas recebem. O que algumas pessoas pensaram (*sobre o post*): “Ah, olha aí o cara está dizendo que o cinema tem de ser um negócio para a elite”, sendo que a minha intenção era mostrar (*que*) hoje, quando você vai ao cinema, você vê a estreia de um grande filme, você vê filas e filas. Você já vê fila desorganizada, ar-condicionado quebrado, você entra no cinema e o cinema está sujo porque não dá tempo de os caras entrarem e limparem porque é uma sessão em cima da outra e, quando (*o cinema*) está mais cheio, é mais sujeira ainda. Então, isso se acumula. Se é assim com 15 reais o ingresso, imagina sendo um real o ingresso. Você baixa o preço, (*como consequência*) a quantidade de pessoas que vai procurar o cinema é muito maior. Pega aquelas cinco mil pessoas que vão ao cinema na semana e aumenta para 50 mil pessoas. Se já não tem segurança hoje no cinema, você escuta histórias assim: “Putz, um amigo meu foi para o cinema e foi assaltado dentro do cinema” (*refere-se principalmente às sessões de meia-noite*). Porque não tem segurança. Dá dez horas da noite, os seguranças vão embora. Ou vocês nunca repararam que, quando está no horário comercial, tem segurança na saída do cinema, mas dá dez horas (*da noite*), cadê esses seguranças? O shopping está praticamente todo fechado. A gente corre um risco em ir nessas sessões. A minha intenção era abordar isso.

Olha, fazer um cinema a um real não traria benefícios porque a gente não tem estrutura para aguentar essa demanda. Mas algumas pessoas, por causa da forma que eu falei e por causa de duas frases especificamente: “Olha, você faz um negócio a um real e isso pode atrair todo tipo de gente, gente que quer ir ao cinema, gente que quer se divertir e quem só quer atrapalhar o negócio”, como tem em show, como tem em qualquer lugar que tenha aglomerações. No Brasil, essas coisas acontecem. Eu queria alertar, mas assim: cinema é caro porque ele tem um custo envolvido nisso. O *post* acabou entrando por uma outra linha. Eu preferi aceitar que eu errei escrevendo.

Uma coisa que eu aprendi com o tempo é que você nunca pode culpar a vítima por alguma coisa. Vítima é vítima! Se ele (*o leitor*) entendeu que eu estava elitizando o cinema, o erro foi meu por ter dado a entender isso. Se eu tivesse sido bem claro, explicando: “Não, gente, é a estrutura, é isso, é isso...”, eu me cerquei de todos os argumentos para reforçar minha opinião. E, no meu texto, eu não me cerquei. Eu apenas deixei uma frase solta e essa frase solta destruiu todo o meu argu-

mento, entendeu? Então, o que eu aprendi com isso? Que o que eu falo impacta as pessoas. Se eu fosse um *Zé ninguém*, ninguém ia ver esse texto, ninguém ia ler, e ia ser mais um texto besta na Internet. Se você vai fazer uma coisa com opinião, você tem de pensar nas pessoas que vão ler esse texto. O impacto que um comentário assim vai ter na classe social A, B, C e D. Se você não tiver essa empatia ao dar uma opinião, você corre o risco de errar. Foi exatamente o que eu fiz. É muito difícil reconhecer um erro, porque mexe com seu orgulho, mexe com seu ego, mexe com tudo, mas foi um exercício de humildade pública, porque conscientemente eu sabia que não queria falar algumas coisas que acabaram sendo interpretadas. Ajudou-me muito esse caso para melhorar como pessoa mesmo, porque quem era ouvinte do *podcast* sabia que a gente sempre fala sobre preço absurdo de cinema e (*o ingresso*) deveria ser mais barato. A gente criou sessões de pré-estreias com ouvintes para assistir filme de graça, a gente sorteava ingresso, a gente sempre fez de tudo para todo mundo ter acesso a cinema. Isso é uma democratização do cinema. E a gente sempre bateu muito nessa tecla. Você tem de reconhecer que, por exemplo, talvez isso no meu texto, que eu coloquei: “Ah, pode até acabar indo pessoas que não são bem-intencionadas”, pode ser até uma coisa inconsciente minha de preocupado que eu sou com a sociedade, algum preconceito interno que eu tenha. Se você escreve um texto que tem várias interpretações, é porque você errou. Se você deu uma opinião extremamente embasada, cheia de argumentos, aí o que o pessoal vai entender não importa. Mas, se você não fez isso, então você reconhece que vacilou, que você vai tentar (*ser*) melhor na escrita, na fala. E, se a pessoa não aceitar o seu pedido de desculpas, é porque ela realmente não é uma pessoa boa.

A lição é que, se você vai lidar com opinião, você tem de estar preparado psicologicamente para receber tanto elogio quanto pedrada. Se você errar, reconhece o erro e tenta melhorar. E assim a vida segue. Esse caso me ensinou isso. Porque eu falar de *Star Wars*, tanto faz. Mas, se eu falo sobre representatividade em *Star Wars*, se eu falar sobre negro, mulher, sobre latino em *Star Wars*, eu tenho de ter o cuidado com o que estou falando porque envolve minorias, envolve um conglomerado de coisas que foge do escopo de cinema. Eu tenho sempre de fazer esse exercício de empatia e me colocar no lugar de todo mundo que está ouvindo, por isso que eu me preocupo muito com o que é falado no *podcast*, quando a gente vai discutir sobre um tema mais polêmico. Eu digo: “Gente, vamos fazer um exer-

No dia da entrevista, Átala, Erick e João Gabriel estavam usando blusas de diferentes tons de rosa. A produtora até fez uma brincadeira dizendo que Erick era o intenso (rosa escuro), ela era a medida certa (rosa) e João Gabriel o mais suave (rosa claro).

A entrevista foi realizada no dia em que Lauriberto completou 21 anos de idade. Na hora do lanche, todos cantaram parabéns para ele. O aniversariante ficou feliz com o momento.

Antes de começar a aula de avaliação da entrevista, Rosiane e Átala ficaram tentando lembrar de momentos para colocarem como janelinhas. Elas começaram a gravar áudio no Whatsapp e mandar uma para outra a fim de não esquecer de nada.

cício. Se a gente vai falar uma coisa, se coloca também no lugar daquela pessoa (*o ouvinte*) e em como está ela recebendo essa informação. Não é só opinião por opinião. Chegar aqui e *blá, blá, blá, blá*. Não. Vamos pensar no que é que a gente está fazendo porque a gente faz um *podcast* massa, que representa todo mundo, que atinge todo mundo. Ele pode gostar ou não gostar, mas gosto é muito diferente”.

**Frida** – Jurandir, você é uma pessoa apaixonada por cinema, trabalha com cinema e consome muito cinema. Qual é a sua opinião sobre o mercado cinematográfico brasileiro hoje?

**Jurandir** – Eu gosto de muita coisa no Brasil. Fico muito triste porque as melhores coisas que são produzidas aqui no Brasil não chegam aos cinemas. Não sei por quê. Até sei por que, *né (r)?* Mas o que a gente vê nos cinemas de filme brasileiro? Comédia da Globo Filmes, essas comédias que parecem especiais da Globo, filmados no fim de semana. Ou seja, o que chega ao cinema aqui de filme brasileiro mesmo são filmes extremamente comerciais, que vendem, que são fáceis de serem consumidos por um público que não é normalmente frequentador de cinema, um público X que está no shopping e vai assistir a um filme nacional e eu fico triste porque tem tanta produção, cara! O Brasil produz muito filme. Aqui no Ceará é produzido muito filme e não chega ao cinema. Os caras não lançam no *Youtube*, não lançam no *Netflix* (*Serviço de streaming tarifado de filmes e séries*), porque não tem abertura para esses caras. É triste, é triste! De vez em quando a gente vê uma pechinha rara chegando ao cinema. Ano passado, teve um filme chamado *Entre abelhas*, que é do Fábio Porchat (*ator e humorista brasileiro, mais conhecido pelo seu trabalho no programa humorístico Porta dos Fundos*). Só chegou ao cinema porque tem o Fábio Porchat. Fábio Porchat é um nome que chama público. Mas, se tivesse outro ator (*como protagonista*), possivelmente (*o filme*) não chegaria ao cinema. É um filme bem bacana, sabe? Filme diferente do que a gente vê. Não é comédia, é um drama. Tem toda uma discussão sobre depressão, sobre um monte de coisa. São filmes que são muito bacanas, mas (*é o tipo de filme que*) passa uma semana em cartaz porque não é muito o público que vai ver, e tem a Ancine (*Agência Nacional de Cinema*) que traz as propostas de: “Não, obrigatoriamente o cinema tem de ter um filme nacional passando”, mas o filme nacional que está passando é um comédia do Hassum (*Leandro Hassum, ator e humorista brasileiro*), as comédias da Globo. *Até que a sorte nos separe*, esses filmes assim... Nada contra quem gosta, mas o cinema nacional é muito mais do que isso. Eu sempre

fico torcendo para que as coisas melhorem, mas é difícil quando você vê um *Entre abelhas* estreado e 50 mil pessoas indo assistir em três meses, e você vê um *Até que a sorte nos separe 3*, (*que*) em uma semana 1,5 milhão de pessoas foram ver.

É difícil opinar sobre cinema nacional porque tem muito romantismo envolvido. O cara diz assim: “Não, vou fazer um filme para mim”, “Esse filme é meu”, “Ah, não vou passar no (*Shopping*) Iguatemi não, vou guardar pra mim pra eu ver na minha casa com meus amigos”. Tem muita gente que é romântica desse jeito, mas tem gente que faz cinema (*e*) quer que as pessoas assistam. Aqui no Ceará, (*tem*) o Halder Gomes, (*diretor*) do (*filme*) *Cine Holliúdy*. (*Ele*) trabalhou pra caramba para fazer o filme, conseguiu lançar e fez sucesso. Massa! Se você não tem um apelo comercial, dificilmente você vai conseguir chegar ao cinema, porque aqui no Brasil o público quer ver rostos conhecidos. Um Zé Mayer, Lima Duarte... (*atores consagrados da Rede Globo*) Ele (*o público*) quer ver a galera que ele viu na novela no cinema e é a pior coisa do cinema nacional. Nada contra os atores, não. Mas tem tanta gente talentosa, tanta atriz e ator talentosos que não conseguem produzir, que não conseguem chegar ao cinema porque as pessoas simplesmente não lançam. Isso é algo extremamente negativo e eu espero que mude esse cenário porque no Brasil a gente faz muita coisa fora.

Se você vai a festival de cinema, você vê o quão o Brasil é poderoso em termos de produção cinematográfica, principalmente em documentário. O brasileiro é o cara que mais sabe fazer documentário no mundo. Tanto que esses caras estão todos indo para fora. Muitos nomes do Brasil estão trabalhando em Hollywood, trabalhando na Europa, trabalhando em vários lugares porque lá eles valorizam o trabalho do brasileiro.

A gente vê o caso do Carlos Saldanha, que é o diretor da animação *A Era do Gelo*. Aqui nunca teve a oportunidade de nada, foi para fora, criou *A Era do Gelo*, junto com o Chris Wedge (*cinesta estadunidense*), e inventou a animação *Rio*, que explodiu de sucesso e foi um fenômeno. Então, aquela história lá do comecinho, de (*que*) o Cinema com Rapadura teve de ser reconhecido em São Paulo para depois ser reconhecido aqui é o parâmetro do brasileiro. Ser reconhecido lá fora para depois vir para cá.

**Rosiane** – Jurandir, o cinema teve um papel muito transformador na sua vida e, através do *site* e de subprodutos como o RapaduraCast, teve também uma influência muito grande na vida de outras pessoas. Na sua opinião, qual a importância social do cinema?

Nah deu uma prévia de algumas das 595 fotos tiradas durante a entrevista no grupo do Whatsapp da turma de Jornalismo 2013.1. Rosiane, como sempre, foi clicada fazendo as melhores caras e bocas.

---

## “Muita gente está usando o *podcast* como ferramenta de ensino (...) Você pode fazer diferente, você pode ser o professor que não é na sala de aula (...)”

---

**Jurandir** – Porra (*risos*)! Depende de como você analisa o cinema. Como eu falei lá no começo, para alguns cinema é só diversão, para alguns cinema é só uma fuga de alguma coisa, uma fuga de realidade. Eu considero cinema escola, né? Aprendi muito com cinema. Se você assistiu a determinados filmes, você aprendeu alguma coisa. Vou citar cinco exemplos. Você pega *Clube dos cinco*, clássico dos anos 1980; você pega *As vantagens de ser invisível*, que é um *Clube dos cinco* dos anos 2000; você pega um filme recente que é *A vida secreta de Walter Mitty*; você pega *A felicidade não se compra*, que é um filme clássico conhecido como o filme mais poderoso do cinema, em preto e branco, e todo Natal é exibido nos Estados Unidos porque esse filme é conhecido por evitar que as pessoas que querem se suicidar se matem. Inclusive (*esse filme*) é estudado, porque ele tem esse poder de fazer com que as pessoas desistam de se matar; E (*você pega*) um filme do Will Smith, *À procura da felicidade*. Você pega esses cinco filmes, cinco filmes totalmente diferentes, e eles conseguem se encaixar na vida de cada um. Todo mundo que assiste vai conseguir se identificar com pelo menos alguma coisa desses personagens. Como que um filme que faz você sair do lugar-comum para buscar seu sonho não vai empolgar, não vai incentivar? O papel social desse tipo de filme é extremamente importante.

Tem algumas pessoas que criticam e falam: “Ah, esse filme é autoajuda, um filme que você vai assistir como se estivesse lendo um livro de autoajuda”. Não é só isso. Esses filmes têm o poder de entrar na sua cabeça porque, quando você assiste a um filme desse no cinema, você está ali só para ver o filme. Nada ao redor importa. Tanto que a sala é escura por isso. É só você e o cinema. Então, a sua concentração está toda ali. E esse tipo de filme consegue ter um impacto muito grande nas pessoas. Tem filme que pode mudar o mundo. Eu acredito muito nisso.

Saiu um documentário recente da Malala (*Malala Yousafzai, ativista paquistanesa*), que

luta pelo direito de educação, principalmente para meninas, porque lá no Paquistão as meninas não podem ir à escola, (*pois*) são proibidas pelo Estado Islâmico, todo aquele terrorismo. E a Malala acredita, ela batalhou, levou um tiro por causa disso e sobreviveu, e continua falando. Foi a mais jovem a ganhar o Prêmio Nobel da Paz. Você assiste ao documentário (*sobre ela*), você sai transformado. Tipo assim, olha essa menina do outro lado do mundo brigando com cachorro grande, e indo para cima, não se abalando. Ela levou um tiro, bicho! Um tiro no rosto, cara! Ela se curou e continuou encarando, fazendo palestras, incentivando o estudo. Então, você sai (*da sessão*) de um filme desse, você pensa assim: “*Caraca*, como é que eu entrei uma pessoa e duas horas depois eu sou outra pessoa?” Que negócio poderoso! O cinema não é só a maior diversão, o cinema é uma *puta* de uma escola. Você aprende a se colocar no papel de outras pessoas, você aprende sobre história. Às vezes, as histórias não são bem contadas, às vezes os atores não são bons, e aí vai muito do seu senso crítico. Mas tem muita gente que assiste a filmes e sai transformado. O papel social do cinema é grandioso. Quando eu falo social, independe de classe. Tem a importância de que ele consegue atingir o cara que mora numa mansão e o cara que mora na (*favela*) Gonçalves Dias. Quando eles estão no cinema, não importa a classe social, porque eles estão recebendo o mesmo produto. O que cada um vai associar é um exercício de futurologia aí, mas, se o filme é bom e se ele tem esse poder, como esses filmes que eu citei, ele transforma as pessoas. E, quando você pega um *podcast* que você começa a falar sobre o filme – é tanto que o *slogan* do Cinema com Rapadura é “Assistir é apenas o começo”, porque assistir a um filme é só um *start* –, a gente quer conversar, a gente quer falar sobre o impacto que o filme tem na vida das pessoas e o que é que a gente tira (*de lição*)? Então, o papel social do cinema é talvez a coisa mais importante que tenha no cinema, além da diversão.

---

## “É muito difícil reconhecer um erro, porque mexe com seu orgulho, mexe com seu ego, mexe com tudo, mas foi um exercício de humildade pública (...)”

---

A turma tem um grupo no Whatsapp chamado “Revista Entrevista” e sempre que uma entrevista é finalizada, João Gabriel tem o costume de agradecer pela experiência vivida em cada uma delas. Assim como ele, todo mundo também agradece.

Jurandir Filho costuma trabalhar o dia inteiro, principalmente durante a madrugada. O período da manhã é o único tempo que ele tira para descansar na semana, tirando os finais de semana.